

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**GESTÃO PARTICIPATIVA COM O OLHAR PARA A  
CRIANÇA E O ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE**

**Manaus – Amazonas 2018**

**IRAN NASCIMENTO SILVA**

**GESTÃO PARTICIPATIVA COM O OLHAR PARA A  
CRIANÇA E O ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE**

**Monografia apresentada como  
requisito final para obtenção do título  
de licenciado em Pedagogia, pela  
Universidade do Estado do Amazonas,  
sob a orientação do Prof. Dr. Roberto  
Sanches Mubarak Sobrinho**

**Manaus – Amazonas 2018**

## AGRADECIMENTOS

Para Dom Bosco a gratidão era espontânea, porém, não instintiva, tornando-se, assim, um hábito, uma atitude. Ele mesmo comunicava esta atitude a todos que estavam ao seu redor, e que de uma forma ou de outra, lhe prestava algum benefício em favor de seus jovens. Se por um lado sua comunidade era pobre de coisas materiais, por outro era rica de gratuidade.

A gratidão acontece entre nós e para com as pessoas que entram em contato conosco, pelo simples fato, de sermos pessoas de relação, de reciprocidade. Não basta, entretanto, que essa herança irrenunciável de Dom Bosco floresça no coração humano. É necessário ser cultivada, ampliada e exercitada todos os dias, até consolidar um coração nobre, porque sempre agradecido.

Digo obrigada ao meu Deus e Pai por essa resposta que hoje dou à missão que me confiaste com a ajuda de muitos. Nada é mérito meu, mas tão somente de tua graça; que eu nunca deixe de reconhecê-la enquanto viver, pois me considero ó Pai: “uma carta não escrita com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, Teu Espírito ó meu Deus”, 2cor 3, 2-3; uma carta que Tu podes enviar a quem quiseres.

Meu obrigada a Virgem Santíssima Auxiliadora de quem sou filha, porque os escritos desta monografia expressam um pouco de amor em resposta ao pedido feito por ela a Cofundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Madre Mazzarello: “*Cuide delas, são tuas filhas*”.

Agradeço ao Instituto das Filha de Maria Auxiliadora do qual sou parte, na pessoa de Irmã Luzinete Rêgo Freitas, fma. A ela minha gratidão pela grande colaboração na construção desta Monografia, e a todas as minhas irmãs que nunca deixaram de perguntar: Já terminou o seu curso? E através desse simples questionamento não me deixavam desistir, pois, a cada momento que eu o escutava era um incômodo que me impulsionava a dar uma resposta responsável, para pessoas fraternas que em mim confiam.

Obrigada a todos que constituem o núcleo da Escola Normal Superior, por tudo o que foi vivenciado e aprendido durante o percurso de estudo na Universidade do Estado do Amazonas: pelo conhecimento científico e acima de tudo pelo grande afeto de amizade que vivi com cada docente e discente dessa universidade principalmente pelo professor Roberto Mubarak que desde o início quis caminhar comigo, e espero continuarmos unidos na sensibilidade do querer bem um ou outro.

Enfim, meu obrigada a todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte desse processo. Com o coração sereno pelo cumprimento de uma missão começada e concluída, para poder iniciar um outro começo digo a todos: OBRIGADA!

## RESUMO

Esta presente monografia apresenta um pouco do trabalho educacional da Escola Casa Mamãe Margarida, a partir de uma gestão participativa com o olhar e cuidado exclusivos para com as crianças e adolescentes do sexo feminino em situação de vulnerabilidade. São meninas vítimas de uma extrema pobreza, maus- tratos, exploração e abuso sexual e algumas até abandonadas pelos pais e familiares. Foram os importantes momentos vivido no seio dessa Comunidade Educativa durante o estágio acadêmico que nos proporcionou uma profunda e forte vivência do conhecimento desta realidade na qual você, naturalmente, se confronta todos os dias sobre o seu modo de atuar neste mundo capitalista e globalizado que de maneira visível ou não, exclui milhares de pessoas. Foi uma vivência de estágio que nos fez acreditar que se você quer ser diferente em sua maneira de educar crianças e adolescentes carentes de afeto, bens materiais, quer educar para o transcendente, para a confiança em Deus é preciso agir de maneira fraterna, com reconhecimento e respeito a singularidade de cada pessoa e ao mesmo tempo o envolvimento coletivo que refaz os traços de humanidade que humaniza e transforma vidas antes tidas como vítimas e sem muitas esperanças, para protagonistas de uma nova sociedade.

**Palavras-chave:** participação, gestão, adolescentes, vulnerabilidade, trans-formação

## ABSTRACT

Está presente monografía presenta un poco del trabajo educativo de la Escuela Casa Mamá Margarita, a partir de una gestión participativa con la mirada y cuidado exclusivos para con los niños y adolescentes del sexo femenino en situación de vulnerabilidad. Son niñas víctimas de una extrema pobreza, maltrato, explotación y abuso sexual y algunas hasta abandonadas por los padres y familiares. Fueron los importantes momentos vividos en el seno de esa Comunidad Educativa durante el curso académico que nos proporcionó una fuerte y profunda vivencia y conocimiento de esta realidad en la que usted se enfrenta todos los días sobre su modo de actuar en este mundo capitalista y globalizado que de manera visible o no, excluye a miles de personas. Fue una vivencia de práctica que nos hizo creer que si usted quiere ser diferente en su manera de educar a niños y adolescentes carentes de afecto, bienes materiales, educar para a transcendencia y confianza en Dios hay que actuar de manera fraterna, con reconocimiento y respeto a la singularidad de cada persona y al mismo tiempo el compromiso colectivo que rehace los rasgos de humanidad que humaniza y transforma vidas antes consideradas como víctimas y sin muchas esperanzas para protagonistas de una nueva sociedad.

**Palabras clave:** participación, gestión, adolescentes, vulnerabilidad, transformación .

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>I CAPÍTULO: Conceitos de criança e adolescente em situação de vulnerabilidade social e educacional</b> .....	<b>13</b>
1.1. Algumas causas da vulnerabilidade social: pobreza, exploração sexual e o tráfico .....	17
1.2. Fragilidades do espaço escolar em relação à criança e adolescente em vulnerabilidade social .....	21
1.3. Contextualização da Casa Mamãe Margarida .....	26
<b>II CAPÍTULO: Atuação dos profissionais da educação e áreas afins com crianças e adolescentes vulneráveis e suas relações interpessoais</b> .....	<b>33</b>
2.1. Participação efetiva dos profissionais e membros da comunidade no processo de mudança social .....	42
2.2. Acolher, defender e promover a vida de uma criança em situação de risco. De que forma? .....	45
Perfil das crianças e adolescentes encaminhadas para a Instituição Casa Mamãe Margarida.....	48
<b>III CAPÍTULO: O conhecimento, a espiritualidade e o cuidado - um tripé de transformação social (Pedagogia de Dom Bosco)</b> .....	<b>53</b>
3.1. Práticas cotidianas: estratégias pedagógicas para alcançar resultados positivos na vida da criança em situação de risco .....	57
3.2. Relatos das Margaridas – Por que sou uma Margarida?.....	67
Considerações Finais. ....	75
Referências Bibliográficas. ....	79

## 1. INTRODUÇÃO

Acreditar na possibilidade de uma transformação, pessoal e socialmente, de vidas quase descartadas pela sociedade a partir da educação, é sem dúvida, uma ação que exige de todas as pessoas que fazem parte do processo educacional, uma grande resiliência de doação para investir na vida do outro (a). Nesses casos específicos, essas pessoas necessitam de muita sabedoria, perseverança, paciência, firmeza, criatividade, discernimento, visão e atitude participativa, conscientes de que todos os envolvidos nesse tipo de reconstrução são de fundamental importância.

Neste sentido, a presente monografia quer ser uma ação-reflexão voltada para o processo de atuação conjunta dos profissionais da educação e áreas afins, em vista da transformação de vidas de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade que frequentam a Casa Mamãe Margarida - Escola Pública do Município de Manaus, localizada na Zona Leste Rua Edmundo Soares Nº 27, Bairro São José II e que atende as series iniciais do 1º ao 5º Ano.

A Instituição é não governamental, sem fins lucrativos, e funciona através de Parcerias com a Secretaria de Educação do Município. A referida escola atende crianças e adolescentes do sexo feminino na faixa etária dos 06 aos 17 anos de idade que se encontram em situação de risco, por se encontrarem envolvidas por diversas formas de vulnerabilidade tais como: conflitos familiares, abandono dos pais e/ou responsáveis, envolvimento com organizações criminosas, abuso e exploração sexual, exploração do trabalho infantil e do trabalho infanto-juvenil doméstico, além da extrema pobreza, negligência familiar, violência doméstica (maus tratos físicos e psicológicos), vivência de rua, etc.

Muitos são os contextos de ameaça que essas crianças e adolescentes se encontram! Essa realidade vai, portanto, exigir muito mais da escola, *enquanto agente de transformação*, um trabalho sério e persistente de mudança desse cenário e, conseqüentemente, dessas vidas destruídas,

cujas ameaças acontecem, muitas vezes, a partir da própria família. O **Art. 227** da Constituição brasileira, assim, reza:

*“[...] É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”[...]*

Lamenta-se, profundamente, que nem todas usufruem desses direitos e dessa atenção da sociedade e do estado! No período de estágio observamos, que muitas crianças e adolescentes além de não terem esses direitos garantidos, sofrem ainda, por não terem nem mesmo, direito ao pão de cada dia.

Durante o tempo dessa pesquisa olhamos, por muitas vezes, os diferentes rostos das crianças e adolescentes, assim como, o seu modo de vestir, seu comportamento, as diversificadas falas, etc. e, percebemos como são excluídas, simplesmente, devido à pobreza em que nasceram e vivem, contradizendo um sistema capitalista que, de forma cruel, valoriza as pessoas pelo que elas têm e, não pelo que são. Essa constatação é muito fácil de ser percebida porque, sendo gritante, é de total visibilidade!

Entretanto, depois de uma visão geral e da escuta das diversas realidades, fomos orientadas a acompanhar, 05 sujeitos com a idade entre 08 a 10 anos, das diferentes turmas e séries. Logo nos primeiros contatos, bem mais aprofundados, nos foi possível constatar que elas vivem em situação de extrema pobreza dos mais diversificados enfoques.

Muitas delas moram em “casa” cedida por traficantes, uma vez que muitas são as famílias que trabalham para o tráfico. Algumas dessas meninas vivem somente com as mães e outros familiares, sem, entretanto, ter a presença paterna, por causa das separações, ou pelo fato do pai estar preso ou ter falecido. Suas famílias são migrantes do Nordeste ou de outros Municípios do Amazonas, em sua maioria com baixa escolaridade, quando

muito com o Ensino Fundamental incompleto, equivalente a uma alfabetização, e outras ainda que nunca foram a escola, por não terem tido oportunidade.

Através desta realidade nos questionamos: Como são os métodos de abordagem e ensino da Escola Mamãe Margarida? Como a escola consegue exercer um papel de transformação na vida dessas crianças, adolescentes e suas famílias? Que estratégias usa para envolver além dos profissionais, a comunidade e outros parceiros em sua atuação?

Para que o resultado desse árduo e delicado trabalho com as alunas, tenha bom êxito e incida realmente na vida delas, a Instituição procura trabalhar de maneira corporativa, que implica mudança de valores que ultrapassam os muros escolares. Nesse sentido, é necessário que os profissionais, independentemente de suas especificidades no campo profissional, tenham consciência de que todos devem ter um objetivo comum: *amor humanitário, capacidade de acompanhar e vivenciar o todo do Projeto e a participação personalizada e proativa na vida de todas as meninas que são atendidas por essa escola.*

Um dos objetivos da pesquisas, portanto, é apresentar a atuação da Instituição a partir da **gestão participativa**, uma parceria entre a Instituição e a comunidade onde ela está inserida. Alunos, famílias, professores e funcionários cooperam e opinam diretamente nos processos de gestão da escola, de maneira inclusiva e democrática. Todos são envolvidos e corresponsáveis pelo processo!

Percebe-se que a grande maioria dos profissionais da Escola Mamãe Margarida, através do trabalho coletivo esforçam-se, sobretudo, para resgatar a autoestima das alunas, despertando nelas o desejo de aprender e a vontade de lutar pela transformação do contexto social em que vivem, a partir da valorização da pessoa delas, de uma boa autoestima e da formação do senso crítico. Todos têm a consciência crítica que para esse tipo de trabalho, o amor resiliente, a persistência e a meta alcançada de verem vidas reconstruídas é, sem dúvida, a mola principal do resultado final.

Segundo os membros da Comunidade Educativa, quando questionado sobre o delicado e árduo trabalho, em outras palavras podemos resumir assim: a vida de cada aluna da Escola Casa Mamãe Margarida, quando bem acompanhada e reeducada em todas as dimensões, pode ser, sim, reconstruída e muito mais que isso: essas meninas podem contar uma *nova história*, porque se tornaram *novas autoras*, capazes de novos sonhos, superando a dor da exclusão e do “vitimismo”, assumindo o protagonismo da sua própria história”.

A estrutura metodológica adotada nesta pesquisa baseia-se na observação participativa e na análise documental descritiva, através dos dados coletados na ficha de matrícula das alunas e no banco de dados da Instituição Casa Mamãe Margarida. Os sujeitos da pesquisa foram dois grupos: os membros da Equipe Gestora formada pelo diretor, coordenadora pedagógica, educadores psicóloga, assistentes social e as duas Irmãs (Filhas de Maria Auxiliadora) responsáveis direto da Obra. O segundo grupo era formado pelas cinco alunas acompanhadas, algumas famílias e voluntários da Instituição que foram, previamente, selecionados.

Na estruturação da Monografia serão abordados os conceitos de criança e adolescente em situação de vulnerabilidade, o trabalho socioeducativo da Casa- Escola e o conhecimento do contexto histórico da Instituição onde foi realizado a pesquisa. Enquanto resultado, divulgaremos a importância do trabalho realizado pelos profissionais da Escola Casa Mamãe Margarida, procurando mostrar a relevância da unidade do trabalho desses profissionais, e o envolvimento de outros parceiros e suas atuações dentro da escola, conseguindo fazer um trabalho na ótica da transformação social, a partir de ações coletivas em benefício das meninas atendidas.

Por fim, abordaremos, sucintamente, um dos tripés de transformação social que é a Pedagogia de Dom Bosco, que tem por finalidade devolver à sociedade, *bons cristãos e honestos cidadãos* conhecido também, como Sistema Preventivo, presente na vida dos Educadores e nas práticas cotidianas das atividades desenvolvidas na e pela Instituição como método e espiritualidade, para alcançar os resultados

positivos na vida de tantas crianças e adolescentes que fizeram parte da história da Casa Mamãe Margarida, ou continuam escrevendo uma nova página de sua história pessoal, no momento presente.

## 2. CAPÍTULO I

### CONCEITOS DE CRIANÇA E ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E EDUCACIONAL

“Para que todos tenham vida e vida em abundancia”

(Jo 10,10)

Escrever conceitos sobre a criança e o adolescente em situação de vulnerabilidade, parece não ser de grande relevância, considerando que muitas pessoas já têm seus próprios conceitos elaborados, e os expressam da seguinte maneira: criança ou adolescente em situação de vulnerabilidade são pobres, marginais, perigosos, menino/a de rua, pobres que não frequentam a escola, moram em áreas periféricas, são infratores, etc., enfim, por que buscar essa informação? Quem nunca escutou esse tipo de expressão? São falas formuladas sob o estigma da negatividade que, por vezes, podem encontrar muitas dificuldades para serem desconstruídas e reconstruídas sob um novo prisma.

O surgimento de um sentimento de incompetência de grupos considerados vulneráveis, é reforçado pelos saberes dominantes. Esses saberes chegam às classes subalternizadas como algo totalmente fora de seu mundo, de seu alcance: desconhecem como foram produzidos, e para que servem. Com isso são convencidos de que todos aqueles que não possuem informações competentes e científicas não podem expressar suas opiniões, já que estão longe da verdade e, portanto, se encontram efetivamente excluídos. (GUARESCHI et al 2007, p. 21).

Neste capítulo queremos pontuar alguns fundamentos sobre o conceito de crianças e adolescentes em situação de risco, segundo a visão de autores da área e fazer uma breve retomada sobre o contexto de risco em que se encontram a criança e o adolescente vulneráveis, cuja fragilidade e incertezas de suas vidas recaem sobre toda a sociedade de uma forma ou de outra. Numa sociedade cujo sistema é o perverso capitalismo, esta estratifica-se em classes sociais segundo a

lógica de um sistema que se alimenta da pobreza do povo e da exploração da classe trabalhadora.

Um mundo que se desenha em um mosaico com múltiplas realidades que abrangem diferenças culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas, que cria um constante dinamismo, transformado em grandes desafios ao Sistema Capitalista selvagem, reprodutor de tantas desigualdades sociais que deixa à mercê da dignidade humana tantas vítimas, dentre estas a categoria infanto-juvenil, cuja singularidade não é respeitada e, tão pouco levada em consideração, salvaguardando seus direitos e de suas famílias, em sua maioria, extremamente pobres.

Classe social é um termo usado para dar a ideia de que existem distâncias sociais significativas na sociedade. Isso quer dizer que indivíduos e grupos são diferentes entre si e ocupam lugares diferentes na sociedade. Estas mostram as desigualdades da sociedade capitalista. Cada tipo de organização social estabelece as desigualdades de privilégios e de desvantagens entre os indivíduos, enfim, uma sociedade capitalista globalizada que menospreza e escraviza os pobres que já desde a infância têm seus sonhos podados, deixando-os de florescer.

Mudam-se as formas existenciais, os cenários políticos, alteram-se os ecossistemas, a conjuntura familiar, os comportamentos sociais são diversificados, mas, são perceptíveis a tirania e a ganância do ser humano que explora, fere, escraviza, mata e deixa sem o pão os que ainda não têm armas próprias para se defenderem, pois, a vida ainda está em transformação como a borboleta na metamorfose, considerando o grande risco que correm, dependendo da realidade onde estão inseridos. Por essa razão, podemos afirmar que a vulnerabilidade está na falta ou não condição de acesso aos bens materiais e aos bens de serviço que possam suprir aquilo que pode tornar o indivíduo vulnerável, nos diz AYRES (1999) em seu artigo intitulado, estigmas que acompanham a sociedade no decorrer de seu desenvolvimento (pág. 190).

Recordamos a criação da “roda de exposto” a partir do século XII,

local em que eram deixados os bebês recém-nascidos que eram abandonados nas ruas, florestas, portas de casas, lixos, igrejas, etc., correndo assim, o risco de serem até devorados por animais, o que de fato veio a acontecer. Esse sistema foi criado na Europa medieval a fim do expositor levar o bebê que não desejava, ao invés de deixá-lo em qualquer lugar.

As rodas de expostos eram de assistência caritativa, dirigida por missionários, mas, com a intervenção do império ou estado. No Brasil a roda de expostos foi criada no XVIII pela primeira vez na Bahia (1726) depois no Rio de Janeiro (1738) e Recife (1786). Foi a partir dessa situação que foram surgindo grandes preocupações sobre o futuro dessas crianças que após regressarem das casas das amas, retornavam para os abrigos quando não eram adotados pelas famílias. Mas, acabavam por ir para as ruas, devido não haver vaga nos acolhimentos. Estando nas ruas começavam a pedir esmolas, se prostituir, cometer furtos etc. As casas de misericórdia vão então, em busca de famílias ou ambientes que acolhessem essas crianças, para as educarem e ainda ensinar-lhes algum ofício que lhe fosse importante para uma profissão; surgem então, a partir do fim século XVIII ao século XIX muitas entidades religiosas, privadas e filantrópicas que se comprometem no atendimento das crianças pobres e abandonadas (cf. Maria Luiza Marcílio – em roda dos expostos, pág. 73).

Nos anos de 1920 e 1930 surgem grandes preocupações com as crianças pobres e o acesso à educação, pois, acreditava-se que só por meio dela se poderia transformar a sociedade e o indivíduo. A sua concepção de vida e a educação escolar na infância passam a ser objeto de grande atenção por parte da sociedade. Segundo SANTO (2008) a infância começa a ser instalada como fases e deixa de ser o adulto em miniatura, tornando-se pessoa em fase de crescimento que necessita de atenção e cuidados específicos. Nesse período o país estava se modernizando, havendo entre outras coisas, um crescimento na demanda da mão de obra masculina e feminina no mercado de trabalho, devido o surgimento e o avanço da industrialização.

Crianças e adolescentes começam a serem vistos com atenção na criação de políticas públicas no governo de Getúlio Vargas, quando surge o Departamento Nacional da Criança em consonância com o Ministério da Educação e Saúde. Em 1959 a Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente reforça ainda mais a questão da infância como prioridade absoluta, quando afirma:

A criança, em decorrência de sua imaturidade física e mental, precisa de proteção e cuidados especiais, inclusive, proteção legal apropriada antes do nascimento.

A Constituição da República Federativa do Brasil (1988) Cap. VII, Art. 227, assim afirma:

*É dever da Família, da Sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.*

Este artigo está presente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - nº 65/2010. Também a Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (1989), como resposta a toda uma luta pelos direitos e deveres de todas as crianças e adolescentes criou o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8.069 de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Estatuto este que contém as leis a serem executadas em benefício do bem-estar de todas as crianças e adolescentes do estado brasileiro, assegurando-lhes a dignidade como prioridade absoluta, afirma o art.3º:

**ART. 3º** A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

## 1.1 Algumas causas da vulnerabilidade social: pobreza, exploração sexual e o tráfico de drogas

A falta de bem-estar vinculado a educação, moradia, trabalho, saúde, lazer e o afeto gera grande instabilidade e insegurança em nossa sociedade de grandes desigualdades sociais e desestruturação psíquica, tudo em consequência do modelo vigente do Sistema Capitalista e da Globalização que tornam o ser humano uma pessoa excludente, de interesses egocêntricos, em que muitos não se sensibilizam mediante o sofrimento e abandono de tantas crianças em nosso país. Por essa razão, e outras tantas, podemos dizer que a vulnerabilidade existe, a partir do surgimento das classes dominantes que precisam submeter as pessoas pobres a determinadas ordens que lhes garantam a sobrevivência, negando-lhes, muitas vezes, o direito ao acesso à educação, informações, serviços básicos de atendimento à saúde, ao trabalho digno, etc.

Diante das inúmeras e diversificadas causas de vulnerabilidade social, nos deteremos, especificamente, nas três indicadas no subtítulo que são as mais evidentes na pesquisa em pauta: a pobreza, exploração sexual e o tráfico de drogas. Estando os indivíduos nessa situação extrema de risco, tornam -se mais vulneráveis à dependência química, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, morte prematura, resultante de suicídio ou homicídio, cerne da vulnerabilidade, tendo como vítimas sujeitos que não têm tantas escolhas a serem feitas. A pobreza é, sem dúvida, uma condição na qual ninguém deseja esar! Quem quer passar fome? Não ter o que vestir? Quem não quer uma moradia digna? O que significa não ter direito a uma educação de qualidade? Acesso à saúde e ao lazer? Acreditamos que ninguém! Entretanto, existem e não são poucas, as pessoas que vivem nessa condição de vida.

A pobreza sempre existiu, distinguida pelo pobre crônico e transitório, contexto esse que leva o indivíduo a está sujeito a vulnerabilidade, começando pela negação de seus direitos inalienáveis: à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, assegurados pela Constituição Federal brasileira em seu **art. 88**. Situações que causam grande descontrol

social, atingindo o indivíduo no seu desenvolvimento biológico, social e psicológico. As crianças e os adolescentes são extremamente vulneráveis, aos fenômenos sociocomunitários e familiares relacionados com as drogas, a violência, a conjuntura familiar enfraquecida, uma educação permissiva e o aumento das desigualdades os obrigando a se inserirem, precocemente, no mercado de trabalho e/ou ao tráfico de drogas como podemos confirmar na citação abaixo:

As vulnerabilidades das crianças, adolescentes e suas famílias manifestam-se em violência cotidiana no contexto escolar e familiar. A falta de oferta de uma educação de qualidade, os baixos salários e o desemprego afetam a trajetória de vida de muitos brasileiros, obrigando-os a se inserirem precocemente no mercado de trabalho e/ou no tráfico de drogas. FONSECA et al. (2013, p. 258).

Não podemos deixar de mencionar de forma clara e objetiva, a realidade das crianças e adolescentes, na maioria das vezes meninas, com maior fragilidade que os meninos, em se tratando sobretudo, da exploração sexual; meninas em que a vulnerabilidade latente é percebida sofrem, em grande parcela, as consequências da forte influência dos Meios de Comunicação Social. O que a mídia apresenta como determinados padrões de beleza e consumo idealizados, leva-as a se submeterem a determinados tipos de exploração na busca dessas conquistas e, assim, não somente usufruírem desses pseudos valores, mas até mesmo, de se tornarem um pouco parecidas com o que a sociedade de consumo exige, porém, pautada no ideal de uma classe média alta.

Essas meninas acabam fugindo do contexto real por uma fantasia da “menina ideal que se torna apenas uma aparência; não poucas vezes, elas acabam deixando a própria família por não favorecer o que elas desejam, ou então permanecem no lar sem uma qualidade de vida, buscando subterfúgio através de outros meios para suprir aquilo que querem. Nessa difícil luta do “não ter ao querer ter”, tornam-se pessoas muito carentes afetivamente, dificultando, inclusive, a parte cognitiva, a própria estrutura familiar que se torna ainda mais frágil, favorecendo o início e/ou a continuidade de um caminho não saudável e de muitos riscos, tornando-se sujeitos resilientes

pela luta da sobrevivência a qualquer custo.

Temos presenciado, infelizmente, um verdadeiro massacre humano, de meninas e adolescentes pobres e marginalizadas se submetendo a qualquer tipo de oferta perversa, para atingir um inatingível padrão de beleza imposto pelas Mídias, tornando-se como as meninas de classe alta, escravas da indústria da beleza, tão difundida pelos Meios de Comunicação, os quais têm dilacerado nossas crianças e adolescentes, pessoas que estão perdendo o prazer de viver, tornando-se solitárias por estarem inconformadas com seu modo de ser e de agir. Elas são "presas" fáceis de um sistema que quer padronizar tudo aos moldes de seus próprios interesses econômicos; parecem ter permissão para ouvir e copiar o que a Mídia diz, mas não para refletir e transformar os contra valores que a cultura midiática veicula.

Nesse sentido, não somente as meninas, mas as famílias e grupos precisariam fazer parte, de maneira ativa e corresponsável, dos processos de desenvolvimento social, a começar por ter acesso a uma boa educação. A impressão que dá, é que pelo fato de serem pobres, qualquer coisa serve: educação de péssima qualidade, acesso nenhum à saúde, transporte coletivo desumano, enfim, serviços públicos os mais desqualificados possíveis, para essa classe social que vive na extrema pobreza, sem nenhuma oportunidade de emprego para os mantenedores e responsáveis pelas famílias, que continuam vivendo de maneira sub-humana.

Muitas meninas sem levar em conta o seu próprio desenvolvimento psíquico e social, por motivos de sobrevivência e semelhança a um estereótipo imposto pela sociedade, perdem a sua infância de forma violenta, deixando na própria vida marcas profundas de crueldade, difíceis de serem esquecidas, como por exemplo, a violação do próprio corpo, ainda em formação, por pessoas com o dever de protegê-las e assegurar-lhes seus direitos, inclusive, de segurança.

A violação do corpo, longe de revelar apenas uma usurpação da materialidade ou do aparato biológico expressa a invasão mais intensa, pois expropria da pessoa o direito de experimentar emoções agradáveis de modo a aprender o mundo e dar-lhe um sentido que assegure o reconhecimento como ator social, capaz

de ser reconhecido pelos outros como sujeito de direitos. (BARROS e SUGUIHIRO, p. 03)

Esse é o perfil de inúmeras meninas atendidas pela Escola Casa Mãe Margarida, crianças e adolescentes amazônidas desprovidas de seus direitos. São crianças e adolescentes das periferias urbanas, indígenas, ribeirinhas, negras, caboclas e até estrangeiras, com uma identidade cultural linda, porém, com cicatrizes no corpo e na alma. Muitas com feridas abertas, porque mesmo pertencendo a uma sociedade em que a própria Constituição fala de direitos iguais para todos, mas na realidade esses direitos são negados a determinadas categorias de pessoas: tornaram-se invisíveis para o progresso social, mas, visíveis enquanto ameaças ao sistema do monopólio e controle social, ou seja, o controle do Estado sobre a sociedade ou o controle da sociedade sobre as ações do Estado.

As pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza. (SANTOS, 2003, p

Há uma enorme contradição em relação aos presídios superlotados de norte ao sul do País, com Políticas de investimentos para novas penitenciárias, como se isso regenerasse alguém, em descompasso com a péssima qualidade do Ensino Público, com a extinção de Programas de Auxílio a Educação e outros. O que então oferecer de novo e de bom, para a construção de uma nova sociedade, justa e igualitária, onde ao menos seja concedido a cada pessoa a garantia de seus direitos, respeitando assim, a dignidade de todos? É preciso, urgentemente, que a justiça estabelecer nesse País chamado Brasil, a mãe gentil, a Pátria de todos, mas com igualdade somente nos papéis.

## **1.2 Fragilidades do espaço escolar em relação à criança e adolescente em vulnerabilidade social**

Falar de educação para as crianças e adolescentes pobres e vulneráveis do Brasil significa, antes de tudo, recordar que essa história é bem mais recente à nossa época, do que possamos imaginar. Do século I ao século XV, praticamente, essa história para o Brasil ainda não havia iniciado, portanto, daremos um salto para o século XVII ao XIX quando, de fato, começamos a enxergar que a realidade existencial é formada por diferentes classes sociais.

Um Brasil em descoberta e desenvolvimento, sendo administrado pela nobreza que ao chegar em terras brasileiras, já as encontravam habitadas pelos indígenas. Gente que embora formada da mesma matéria humano/física não foi considerada um ser humano, assim como, os escravos, e tão pouco merecedora de algum direito, concepção que mais tarde viria ser desconstruída como afirma CUNHA (1975) usando da expressão de Locke que diz que todos os indivíduos são iguais ao nascer, seja ele pobre ou rico, escravo ou rei, que a diferença entre os homens é causada pela desigualdade de oportunidades. Uma compreensão que ainda era difícil de ser aceita, por determinados grupos da burguesia.

A Constituição de 1824 determinava ao Estado a gratuidade do ensino primário para os cidadãos, categoria que não incluía os escravos, tanto os africanos quanto os crioulos, mas, era aberta para todos as meninas e meninos negros ou outros que já fossem livres e que mesmo assim, era difícil a aceitação deles nas escolas públicas. Mas, as escolas privadas aceitavam os escravos caso algum senhor quisesse inicia-los nas “primeiras letras”. (CUNHA, 2017).

Enxergamos hoje de forma nítida o porquê das diferenças das classes sociais em nossa sociedade. De um lado a burguesia que tudo controlava e continua controlando, de outro, grupos que significavam mão de obra escrava. Enquanto a elite tem seu controle de natalidade e o monopólio das riquezas, os pobres e escravos sem instrução foram tornando-se sempre

mais numerosos. O que fazer com aqueles que nasciam, mas, que não podiam ainda ser utilizados no campo de trabalho? Havia também os povos indígenas que viviam na floresta, mas, que os desbravadores não tinham ainda o interesse por “civiliza-los”, diferente dos escravos negros, que exigiam atenção especial, porque viviam entremeados com a população livre. (CUNHA, 2017);

As tomadas de iniciativas em favor das crianças e adolescentes órfãos e abandonados eram mais perceptíveis, por entidades privadas e muitas de cunho religioso caritativo em um contexto no qual a sociedade passava por mudança da realidade agrária que cedia lugar para o surgimento da industrialização, essa última tornando-se a mais preponderante.

Foram grandes as lutas entre as classes nobres e as classes populares, para assegurarem seus ideais o que perceberemos nas reflexões de alguns escritores teóricos do liberalismo, que defendiam a educação como fosse um direito de todos, porém, com especificidades de acordo com a classe social e o sistema burguês aos quais pertenciam. Vejamos: John Locke (1632 – 1704) apresentava conceitos para que a escola não fosse instrumento das classes dominantes da época. Para François Marie Voltaire (1694 – 1778) evidenciava um profundo respeito pela ordem estabelecida, afirmando que a educação deveria ser um direito de poucos. Denis Diderot (1713 – 1784) incentivava a instrução das massas e dizia: “É bom que todos saibam ler, escrever e contar, desde o primeiro ministro ao mais humilde dos camponeses; Adam Smith (1723 – 1790) alertou, em sua obra, Riqueza das Nações, de 1776, que a instrução do povo evitaria as desordens sociais e que um povo instruído e inteligente seria mais decente que um povo ignorante e obtuso CUNHA, (2000). Basedow (1723-1790) um educador ativo, preocupado com as questões de sua época, defendia que a finalidade da educação consistia em formar “cidadãos do mundo e em prepará-los para uma existência útil e feliz” (BASEDOW, 1774, apud, CARLOS e ALAPANIAN, 2013, p. 5).

Para tanto, distinguia dois tipos de escolas: uma para os pobres e outra para os filhos dos cidadãos mais eminentes. Em suas palavras: Não há nenhum inconveniente em separar as escolas grandes (populares) das pequenas (para os ricos e também para a

classe média), porque é muito grande a diferença de hábitos e de condição existentes entre as classes a que se destinam essas escolas. Os filhos das classes superiores devem e podem começar bem cedo a se instruírem, e como devem ir mais longe do que os outros, estão obrigados a estudar mais. As crianças das grandes escolas (populares) devem, por outro lado, de acordo com a finalidade a que deve obedecer a sua instrução, dedicar pelo menos metade do seu tempo aos trabalhos manuais, para que não se tornem inábeis em uma atividade que não é tão necessária, a não ser por motivos de saúde, às classes que trabalham mais com o cérebro do que com as mãos (BASEDOW, 1774, p.41 apud CARLOS e ALAPANAIAI, 2013, p, 5).

Chegava-se então a um determinado consenso sobre as classes populares em ter ou não acesso a educação, a preocupação com o avanço dos de menores de idade cometendo atos infracionários, trazendo grande instabilidade social, começou a incomodar e crescia a consciência de que aqueles meninos/as precisavam de educação. O que deixou bem claro François Pierre Guillaume Guizo (1789 -1874) “Cada escola aberta fecha uma prisão”, o avanço com o industrial também necessitava de pessoas que soubessem ao menos manusear as máquinas, e para isso eram necessários estudos.

Assim, com o amadurecimento e a consolidação do processo de industrialização, a partir da segunda metade do século XIX, fica clara, para a burguesia, a importância da educação das massas, dos trabalhadores. A burguesia não podia recusar a instrução do povo, assim como o fizeram as elites na antiguidade e no feudalismo; as máquinas criadas pela indústria eram complicadas demais para serem operadas pelo mísero saber dos trabalhadores da época. Para manejar certas ferramentas, era necessário aprender a ler. (CARLOS e ALAPANAIAI, 2013, p.8)

Houve então grandes buscas e conquistas para o ensino de uma educação popular, como forma de preparar os trabalhadores para enfrentar os problemas do progresso. E sobre a aprendizagem de ofícios que eram dadas aos órfãos e abandonados, transformou-se em um tipo de ensino profissionalizante devido a exigência de uma formação para o trabalho industrial que fluía no Brasil.

A partir da promulgação da Constituição de 1988, todas as crianças passaram a ser consideradas sujeitos de direito, como destaca Guimarães (2011,

p. 30): “[...] direito à vida, saúde, alimentação, educação, lazer, cultura, dignidade, respeito, liberdade, convivência familiar e comunitária”. De objeto de tutela para sujeito de direitos, de apenas crianças para cidadãos de pouca idade.

Mas, infelizmente, hoje é visível que mesmo diante de tantas conquistas e avanços, ainda temos uma baixa qualidade de educação para as classes sociais devido as gritantes desigualdades sociais. O melhor ensino e estruturas patrimoniais e educacionais são de Instituições de ensino privado. O ensino público com suas instituições está sendo pouco a pouco menos procurado por aqueles que desejam uma educação de qualidade.

Aos pobres meninos/as dos grandes centros urbanos, os das periferias e ribeirinhos que não têm muitas escolhas, resta aceitar o que lhes é oferecido pelas políticas educacionais do Estado. Entretanto, ousamos falar de um diferencial, que é a maneira como muitos profissionais da educação abraçam a causa educativa para alimentar a esperança de uma transformação social na vida e decisiva para as crianças e adolescentes que sabem o que é sofrer com a pobreza, a exclusão social e abandono pelo Poder Público.

Por outro lado, há escolas que ultrapassam a “desesperança”, mesmo não tendo na maioria das vezes, os recursos necessários para oferecer um ensino de qualidade, com metodologias atualizadas, mas, investem na prática do bem- viver, renovando a esperança porque têm as ferramentas fundamentais para a transformação do contexto de vida pessoal e social de seus alunos/as. São Educadores fraternos e solidários, pessoas apaixonadas pelo que fazem e cuidam porque amam e se determinam a caminhar juntos com aqueles/as meninos/as que para muitos são uma ameaça, mas, que simplesmente precisam de atenção dos olhares e ações concretas que os levem a sentirem-se acolhidos e valorizados, para chegarem ao processo cognitivo.

Processo cognitivo é a construção da própria inteligência que se dá através da relação com os outros e a realidade na qual se vive, no desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao mundo, enquanto

pessoa livre, responsável e consciente de seu papel para a transformação social tornando-os protagonistas na luta contra a marginalização e exclusão, realidades das quais são ou eram vítimas. SANTOS, 2008. Encontramos dentre tantas realidades educacionais a Escola Casa Mamãe Margarida que há 32 anos vem realizando um trabalho excepcional com crianças e adolescentes do sexo feminino em situação de vulnerabilidade. Instituição esta que a conheceremos, mas, especificamente, no subtítulo seguinte.

### 1.3 Contextualização da Casa Mamãe Margarida

A Obra Social Casa Mamãe Margarida fundada 1986, fica localizada na Rua Edmundo Soares nº 27, Bairro São José II - CEP: 69083-140, Manaus/Am. Obra filiada a Inspetoria Laura Vicuña, CNPJ 04.566.352/0001-60 - Entidade Mantenedora.

Na década de 80, ainda por sofrer significativamente as consequências do regime militar e seus planos de desenvolvimento da segurança nacional, o estado do Amazonas se encontrava em um grande processo de transformação por conta dos projetos econômicos desenvolvidos; com os planos de desenvolvimento houve o grande êxodo rural e a migração na busca de melhores condições de vida das famílias da zona rural, de outros municípios, etc., famílias que chegam à cidade de Manaus, esperançosas de dias melhores. Este êxodo rural e migrações de outros estados, sobretudo da região do Nordeste fez com que fosse gerado um elevado índice demográfico à capital amazonense.

Esta realidade trouxe grandes preocupações, devido o avanço do Polo Industrial de Manaus, e a cidade que não oferecia nenhum tipo de moradia para essas pessoas nos centros urbanos; eram grupos que migravam em busca de uma melhor qualidade de vida e que passavam a se deparar com um novo contexto histórico social, mas que continuavam ainda mergulhados na mesma pobreza, por falta de Políticas Públicas que os ajudassem a diminuir a grande desigualdade social entre os migrantes de várias regiões do País, ribeirinhos, caboclos e indígenas. Para esse momento era preciso uma política para combater a exclusão social voltada aos migrantes como aponta COSTA & CARNEIRO, (2004).

Será preciso uma política de combate à exclusão social que esteja orientada à construção da cidadania e que tenha como diretriz a consolidação do capital humano e social desses grupos vulneráveis, respeitando sua cultura e suas tradições (COSTA & CARNEIRO, 2004 p.8).

A preocupação em atender as famílias que chegavam não era somente por parte do governo, mas também, da igreja católica na pessoa do Arcebispo de Manaus Dom Milton Pereira Corrêa (in memoriam) que também pensou em dar às famílias ajuda na assistência espiritual; por essa razão solicitou à provincial da Inspeção Laura Vicuña, ir. Maria Quagliotto (in memoriam) que o ajudasse nesta assistência. Foi então que as irmãs Salesianas residentes no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e no Patronato Santa Teresinha, se prontificaram em para dar essa assistência nos finais de semana, através da catequese e outros serviços que lhe eram possíveis no bairro São José II e III; com o passar do tempo, as irmãs sentiram a necessidade de uma presença permanente neste novo bairro da cidade de Manaus.

A situação da mulher, principalmente da jovem, no contexto da Zona Franca de Manaus determinou a criação da Obra Social Casa Mamã Margarida para atender meninas/jovens em situação de risco pessoal e social. A Instituição tem como filosofia **acolher, defender e promover a vida**, tendo como ponto de partida a caridade de Cristo Bom Pastor. É uma Instituição que trabalha com o método da preventividade, cuja postura dos educadores/as é a de cuidar do ser humano na linha da libertação e promoção social.

Através de entrevistas, conversas informais e de minha vivência nesse meio, na maioria das vezes há uma tendência a olhar e tratar as jovens marginalizadas como vítimas, de forma maternal e assistencialista, porém, o Sistema Preventivo de Dom Bosco vivido na e pela Instituição leva os educadores a acreditarem no protagonismo juvenil das meninas atendidas; elas não são as “coitadinhas”, meras vítimas, mas agentes de sua própria história, um ser humano em potencial, um sujeito ativo pessoal e socialmente.

O trabalho da Instituição não visa meramente “ocupar” uma menina, mas principalmente ajudá-las a reconstruir sua história de vida, recolher os “pedaços” que caíram ao longo do caminho e reconstruí-los em seus devidos lugares. Para isso, não se abre mão de profissionais humanitários e competentes na arte do amor que recompõem e refaz, assim como, de outras

atividades alternativas.

Em 2004, após os diálogos de conversação começaram as parcerias com a Prefeitura Municipal de Manaus, precisamente, com a Secretaria Municipal de Educação – SEMED- para que a Casa Mamãe Margarida passasse a funcionar como anexo da Escola Municipal Antonina Borges de Sá que fica ao lado da Obra, proposta esta, anteriormente discutida, dialogada e aprovada pela então, sensível direção atual.

O resultado foi a parceria renovada segundo o acordo de cooperação técnica nº.01/2018 que entre si celebram o município de Manaus, através da secretaria Municipal de Educação-SEMED e a Inspetoria Laura Vicuña - Casa Mamãe Margarida, na busca de promover o atendimento educacional e sócio assistencial a partir do carisma salesiano para as destinatárias, contribuindo para a redução do número de crianças e adolescentes do sexo feminino da cidade de Manaus em situação de vulnerabilidade social, sem distinção de raça, cor e credo.

A Ação Educativa da Instituição quer contribuir para a inserção e permanência das meninas na escola, agindo na vida delas não só para combater a pobreza, onde a solução atinge esferas mais profundas, mas para aumentar sua competência e qualidade enquanto pessoa.

Olhar para si como ser inacabado é reconhecer a importância do outro, é reconhecer que não pode sozinho, é unir-se efetivamente num processo de complementaridade, é tecer “redes solidárias”. “O empenho ético da Comunidade Educativa neste contexto pós-moderno, significa dar lugar ao próprio ser, oportunizar as pessoas para que sejam. Isso leva a uma ética superior, por que conduz ao bem comum. Não significa cada ser ético na busca de seus interesses, mas na busca do bem comum. É a ética da busca da coletividade. Isso significa abrir espaços de corresponsabilidade, de atuar, de ser protagonista. ” (COSTA, ano 2006, apud Projeto Político Pedagógico)

Consta-se por meio do Regimento e da Proposta Pedagógica da Instituição, que a Casa Mamãe Margarida tem por objetivo proporcionar uma educação integral às destinatárias, favorecendo e desenvolvendo a educação das séries iniciais do Ensino Fundamental, intervindo junto aos Órgãos competentes a situação pessoal e social de cada educanda, exigindo deveres

e colaborando na efetivação de seus direitos enquanto crianças e adolescentes, oferecendo acompanhamento às famílias das meninas, contribuindo na sua reestruturação sócio afetiva e denunciado casos de ameaça e violação dos direitos de suas filhas.

As atividades de ensino regular da Instituição são executadas no período do ano letivo, obedecendo ao que preconiza a lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - **LDB 9.394/96**. Mas, a Instituição não se restringe ao cumprimento do calendário da SEMED; ela desenvolve trabalhos diferenciados, inclusive, no período de férias, como por exemplo: visitas domiciliares, colônia de férias, apresentação artísticas e culturais, entrevistas e matrículas necessárias para a renovação de cadastro e qualquer outra atividade complementar necessária.

A Instituição se reserva do direito de construir sua Proposta Pedagógica de acordo com suas peculiaridades, tendo opção de adotar ou não os Programas e Projetos Pedagógicos da SEMED, considerando ser necessário, uma vez que a Secretaria de Educação não possui Diretrizes, Parâmetros ou qualquer outro tipo de Referenciais Curriculares e Pedagógicos, que sejam direcionados e que atendam, diretamente, as peculiaridades do serviço oferecido pela Instituição às destinatárias que frequentam a Escola – Casa Mamãe Margarida.

A Escola Casa Mamãe Margarida que atende meninas com o perfil sócio econômico de baixa renda, dispõe: de seis (6) salas de aula com tamanhos variados, mas que equivalem a 5x6m dispostas no primeiro plano; no térreo as salas de oficinas, uma (1) biblioteca, com o acervo de 3.500 livros, um (1) laboratório de informática com 34 computadores, um (1) refeitório, uma (1) diretoria, uma (1) secretaria, uma (1) cozinha, 01 sala de professores com banheiro, duas (02) salas de banhos com seis (6) banheiros e seis (6) sanitários. Além das salas que funcionam com atividades socioeducativas: sala de pintura em tecido, teatro, dança, sala de terapia e um (1) auditório com capacidade para 200 lugares.

A escola atende 06 turmas de alunas nos dois turnos: 19 no 1º ano, 23 no 2º, 20 no 3º, 26 no 4º e 24 no 5º. A equipe pedagógica é composta por um (0) gestor, três (03) assistentes sociais, dois (02) psicólogas, um (01) pedagoga, sete (07) professores, um, (0) instrutor de informática, dois (0)2 artes educadores e um (01) técnico de informática; os serviços oferecidos às alunas são: atendimento médico fora da Instituição, atendimento odontológico através de parcerias e atendimento psicológico pessoal e em grupo dentro e fora da Instituição, através de parcerias com algumas Universidades.

O quadro docente é considerado muito bom! Tem formação em Pedagogia, Psicopedagogia, Especialização em Coordenação Pedagógica, Especialização em Língua Portuguesa, Graduação em Letras, Educação Física, Artes Cênicas, Serviço Social e Psicologia. O diretor da instituição Saulo Vieira da Silva, Mestre em Educação, possibilita a formação continuada do corpo docente que acontece através da SEMED, da Rede Salesiana Brasil de Ação Social e também no interior da Obra Social por meio de parcerias com Instituições e Profissionais credenciados.

Dentro dessa Instituição busca-se como ponto de partida, colocar como centro das atenções e respeito, a menina atendida, acolhendo-a como ela é. Por esta razão procura-se sempre mais uma melhor interação entre o *professor/aluna*. Alguns professores são dedicados e as alunas vão além das suas expectativas de sala de aula, sendo motivadas à leitura e a interpretação, como também a outras formas de aprendizagem, segundo o interesse da aluna. Porém, nem sempre se consegue este resultado devido à própria realidade; muitas delas que convivem com o embate de conflitos pessoais e familiares que muitas vezes, não se ajustam com as regras estabelecidas pela Instituição.

Há também a desmotivação devido a desnível de idade e a série a ser cursada, gerando dificuldades em avançar nos passos de integração social; elas apresentam pouco ou quase nenhum interesse pelo processo da escolarização, situações traumáticas que interferem diretamente no seu desenvolvimento intelectual, emocional e social, ocasionando uma série de

preconceitos e tratamentos acadêmicos diferenciados, por parte da família e demais ambientes.

Conversando com os educadores e por meio da observação direta, nos foi possível constatar que o relacionamento entre as alunas não é de total harmonia, isso porquê os muitos e diversificados problemas criam determinadas dificuldades. Mesmo assim, elas conseguem interagir e participar das atividades dentro das oficinas de forma natural. As relações interpessoais, entretanto, são trabalhadas de forma tranquila.

O trabalho desenvolvido pela escola, a partir das oficinas, está embasado pela Metodologia de pensar o currículo em seu conceito amplo por projetos de trabalho (HERNANDEZ, 1998), contemplando nesta forma de sistematização a proposta da Rede Salesiana de Ação Social através das várias dimensões, instrumentalização e compromissos da missão pastoral, realizando assim a necessária transposição didática do Carisma Salesiano, teoricamente, apresentado nas atividades e objetivos afins, atividades socioeducativas no contra turno escolar, visa colaborar para tentativa de superação dos muitos problemas enfrentados pelas destinatárias.

Considerando em termos de coletividade sabemos que o trabalho em equipe é fundamental, a fim de que qualquer tarefa seja bem realizada, a partir da determinação e dedicação do sujeito. Nesse sentido, a Instituição opta por essa metodologia, facilitando o melhor desenvolvimento das meninas e a soma dos diferentes talentos, competências e habilidades dos profissionais, que são sensíveis e responsáveis pelo aprendizado e pela reconstrução da vida de cada aluna.

Referente às famílias a Instituição tem o critério de acompanhar cada menina dentro do laço familiar e, se necessário, reconstruir este laço nos locais onde ele inexistente através de visitas, de apoio moral, ético e financeiro quando possível, e encaminhamento às redes de atendimento do município. Dentro da Instituição há a disponibilidade de recursos para que as metodologias sejam aplicadas e tenham um resultado positivo e esperançoso para as alunas e profissionais da escola.

Em relação à disciplina em sala de aula e fora dela, há uma grande necessidade de ser trabalhada sempre e com muito cuidado; ainda que as alunas estejam sempre ocupadas, faz-se necessário investir sempre mais nesta dimensão, através do lúdico: uso de jogos e brinquedos educativos, música, dança e dinâmicas que estimulem a aprendizagem e eduquem o comportamento pessoal e social.

### 3. Capítulo II

#### **ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E ÁREAS AFINS, COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VULNERÁVEIS E SUAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.**

O presente capítulo quer favorecer o conhecimento e atuação dos Profissionais da Educação e áreas afins, que fazem parte da Escola Casa Mãe Margarida, refletindo sobre as relações interpessoais dentro do ambiente Educativo, como resposta ao atendimento das crianças e adolescentes vulneráveis que têm como um dos desafios para o seu desenvolvimento além da pobreza, a falta de acolhida, afeto e cuidado a começar pela família e também de outros grupos.

Realidade que está no comportamento expresso no dia a dia onde são observados dentro da escola. Por essa razão, apresentaremos o que observamos e também a fala de alguns membros da Comunidade Educativa sobre sua atuação dentro da escola, ressaltando a importância das relações pessoais e interpessoais nesse ambiente, a partir da dimensão conjunta e comunitária que favorece a aprendizagem das educandas elevando à construção do saber, através da responsabilidade de todos.

A organização e gestão da Escola adquirem um significado bem mais amplo, para além de referir-se apenas a questões administrativas e burocráticas. Elas são entendidas como práticas educativas, pois passam valores, atitudes, modo de agir, influenciando as aprendizagens dos professores e alunos. Neste sentido todas as pessoas que trabalham na escola participam das tarefas educativas, embora não de forma igual(...) O comportamento dos alunos, suas atitudes, seus modos de agir dependem em boa parte daquilo que presenciam e vivenciam no dia a dia da escola. (LIBANEO, 2008, p. 29-30)

São muitos os desafios encontrados na escola, mas refletiremos apenas no tema acima mencionado, por ser significativo quando vivido em prol de um testemunho de relações para quem precisa, pois, nele está contida a acolhida, o respeito, e a fraternidade que passam pela convivência e a transmissão de saberes e valores diferentes e diversificados, uma vez que hoje é muito forte na sociedade o individualismo, a indiferença e a

competitividade que podem causar danos irreversíveis no interior da comunidade e na vida de seus membros.

Uma das professoras quando entrevistada sobre a sua atuação com as crianças e adolescentes vulneráveis respondeu: “*Sinto-me privilegiada, pois, quem tem histórias verdadeiras para fazer parte como estas meninas, aprende a ser, verdadeiramente, uma pessoa humana e isto, é ir além de ser uma simples educadora.*” (Professora Raimunda Almeida Nascimento)

Ela ainda dizia que as formações muitas vezes são em torno das necessidades encontradas a partir do contato com as meninas, levando em consideração a resiliência que muito ajuda a suportar e superar grandes obstáculos. Disse que é preciso escutar para entender e então ajudá-las a serem mulheres de sucesso através dos resgates de valores perdidos.

Para esses profissionais que atuam no atendimento dessas crianças e adolescente é preciso sempre buscar novos caminhos que lhes permitam desenvolver aptidões, hábitos, atitudes e habilidades favoráveis à efetivação da presença educativa. De verdade trata-se da aquisição ou desenvolvimento de certas disposições básicas na equipe de educadores, para que esta possa assumir o papel de presença significativa na vida das educandas a quem dirige o trabalho educativo e social.

Na Escola Casa Mamãe Margarida se educa com o estilo salesiano, inspirado nos valores humanos, cristãos e éticos, pautado no paradigma de educar pelo amor - sob a ótica da inclusão e da reciprocidade; a Instituição age também através da Pedagogia Freiriana, por conta da sua concepção sobre a leitura de mundo, pois, o educador não deve apenas ensinar a decifrar, mas considerar a posição que o indivíduo ocupa na sociedade e ajudá-lo a compreender o mundo, a ler as lições que o mundo nos impõe, levando-as a uma educação crítica.

Os métodos adotados pela Instituição fazem com que as meninas estudantes percebam a sociedade e sua atual conjuntura, onde o **ter** é o mais valorizado na pessoa e não o **ser**, que exprime a verdadeira integridade e

construção coletiva que leva o ser humano a vivenciar, cada vez menos, os valores como respeito e fraternidade e a ajuda mútua, crescendo o interesse pelo ser mercenário, por status e bem-estar próprio, desconsiderando a busca pelo bem comum dentro da escola, local propício para se trabalhar os valores irrenunciáveis dos quais uma sociedade precisa, para que seus membros se tornem bons cristãos e cidadãos conscientes e críticos, capazes de assumir com responsabilidade e amor seu papel na sociedade e exercer sua cidadania com liberdade, ética e justiça social.

Para Paulo Freire, 2008, dentro da escola todos ensinam e todos aprendem, mas, é preciso que cada membro se reconheça como parte no processo de ensino aprendizagem; uma ação do gestor escolar que procura, enquanto responsável pela equipe, ajudá-los na serena e respeitosa acolhida das alunas, aceitação e participação do desenvolvimento do todo da escola.

Educar uma equipe é desenvolver o compromisso ético desta com a causa dos direitos humanos, de modo geral, e com os direitos da infância e da juventude, em particular. Educar uma equipe é incentivar, de forma permanente, a sua vontade política de superar os impasses e dificuldades, que impedem a realização plena desses direitos. Educar uma equipe é dotá-la de um ferramental teórico-prático que lhe permita o exercício da competência técnica na realização de seu cotidiano trabalho social e educativo. (BRASILIA, 2006, p.132)

Todos os membros da Comunidade escolar se reconhecem como parte do processo; se é parte como disse Paulo Freire, necessita dos outros para formar o todo e juntos na partilha de seus projetos e atividades fazem do espaço escolar, o lugar de verdadeiras e autênticas relações fraternas, capazes de transformar a sociedade, porque todos a constroem. Todos se sentem corresponsáveis, por isso mesmo buscam conviver com as diferenças, diversidades de situações e conflitos, para criarem relações mais humanizantes, em vista de uma educação de qualidade onde todos são beneficiados.

Essa relação na escola, a construção coletiva é claramente perceptíveis nos diversos eventos realizados como: gincanas, colônia de férias, momentos culturais folclóricos e religiosos, fórum da sexualidade, mostra de atividades semestrais e saídas para participação em eventos

externos, ações sociais de diversas instituições privadas e no dia a dia da escola.

Na escola realiza-se um plano anual que abrange os conteúdos curriculares e ainda há o acréscimo dos Projetos que vêm de encontro às necessidades da demanda atendida. Além do Planejamento anual existe também o Plano quinzenal que vai sendo construído a partir da necessidade de cada aluna, em vista dos objetivos propostos serem alcançados com êxito.

Os Projetos desenvolvidos na e pela escola são: Projeto ARETÉ que tem como objetivo promover atividades sócio assistenciais em contemplação com a escola a partir do Carisma Salesiano, investindo nas potencialidades das meninas buscando promover o fortalecimento da família; promoção dos Direitos humanos das crianças, dos adolescentes e dos jovens, tendo uma ação socioeducativa de resultados e construção de competências das novas gerações para a vida. O Perfil do público beneficiado são crianças entre 0 a 6 anos 10; 7 a 11 anos 82, adolescentes entre 12 a 14 anos 22 e de 15 a 17 anos.

As oficinas desenvolvidas no contra turno escolar são: **contos de fadas** com apresentações lúdicas e literárias, possibilitando no tempo e espaço oportunidades formativas nos aspectos pessoais e acadêmicos, por meio de apresentação e preservação do lúdico na literatura dos contos de fada, da poesia e das cantigas de roda. **Oficina: as Pequenas Escritoras** têm como objetivo evoluir, progressivamente, potencialidades em relação à linguagem que possibilitem a resolução de problemas da vida cotidiana, o acesso aos bens culturais e a participação plena no mundo letrado, condições indispensáveis para o exercício efetivo da cidadania.

A **Oficina Identidade Cultural**: busca compreender a identidade cultural de seu povo e as diversas influencias adquiridas, contribuindo no reconhecimento de “si” e do “outro” para o entendimento e reconstrução do mundo. **Oficina Dialogo Juvenil através dos textos**: busca dialogar sobre temas considerados polêmicos que permeiam o mundo juvenil, esclarecendo e orientando as jovens a partir dos ensinamentos cristãos e valores salesianos.

**Oficina de Artes com sucata:** proporciona momentos de pesquisa, estudos e debates para que as alunas possam compreender a natureza como um todo acadêmico e o ser humano como parte integrante e agente de transformação do mundo em que vive, mediante análise, utilização de material reciclável, embalagens, recipientes, etc. Além das Oficinas citadas acima existem, as oficinas de dança e teatro. As oficinas são acompanhadas através do diário de turmas, planos quinzenais, relatório semestral, mostra de atividades semestrais, observação do educador e relato das alunas;

Outros Projetos desenvolvidos são: Projeto cultivando o broto, Projeto Acolher digital - de informática e Projeto Sociedade do Pátio - do setor de Psicologia que além do acompanhamento individual, acontece a realização de encontros semanalmente por grupos. Este Projeto é realizado através de momentos de recreação, rodas de conversa e cinema. O Plano Curricular da escola prioriza o trabalho coletivo que se torna a base da Proposta Pedagógica da Instituição, um exercício para as meninas e educadores para que seja desenvolvida a formação integral, através de uma Equipe Transdisciplinar.

Para os profissionais dessa escola é significativo o olhar cuidadoso para a criança que chega para começar mais uma rotina do dia, e ao mesmo tempo a preocupação com aquelas que não compareceram; eles acolhem as crianças com o momento de reflexão/oração, e em seguida as acompanham ao café da manhã, e posteriormente, para as salas de aula. As atividades em sala, as intervenções do Gestor, a observação da Pedagoga, os momentos de brincadeiras, tudo é levado em consideração no Planejamento das Professoras e de todos que, desenvolvem algum tipo de atividades dentro da escola. Assim se expressou uma assistente social da Instituição:

*“Desempenho o trabalho que me foi confiado com amor e dedicação, pois, sabendo que são tantas as crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social, me impulsiona a desenvolver e promover, tudo quanto elas têm de direito, e possuem de potencial”.*  
(Assistente Social Kelly Cristina Fonseca).

É desta forma que todos dão sua contribuição dentro e fora deste espaço educacional. Afirma Juliatto, (2007 p. 21), a escola torna-se um dos poucos lugares onde as pessoas encontram de fato a possibilidade de aprender como viver em grupo de forma independente e bem-sucedida. E ainda Jean-Yves Leloup (2002, p.64) afirmando que “o homem é [...] humano naquilo que nele lhe permite superar-se, abrir-se ao outro, seja o outro nosso vizinho, o nosso próximo, aquele que encontramos, ou totalmente Outro”.

Ao conceber sua função específica, dirigida por uma consciência transformadora e crítica da realidade, o educador reconhecerá o desenvolvimento pessoal e o desenvolvimento social do educando, e perceberá que são duas faces de uma mesma moeda. Ele saberá, mais do que ninguém, que a presença do educando em si próprio é a condição de sua presença nos outros em todos os espaços onde se processa a sua socialização: família, escola, comunidade, trabalho e outros. Sem uma presença significativa, sem uma relação de qualidade em nossa vida, somos incapazes de construir nossa identidade, porque nos falta o espelhamento existencial, algo que nos faça sentir compreendidos e aceitos por alguém, como uma condição para que possamos compreender e aceitar o outro (Juliatto 2007, pág.121).

Na Escola Casa Mamãe Margarida para que o educador crie vínculos de aproximação, amizade e aprenda a interagir com as alunas em situação de vulnerabilidade, é um aprendizado diário que exige sensibilidade e sutileza, caso contrário, o ambiente escolar torna-se uma batalha, algo cansativo e sem prazer. Nesta escola cada dia é uma aventura diferente, uma conquista diferente e o processo educativo torna-se espaço de relacionamento e de maturação pessoal. Santos (2008).

O espaço escolar é um lugar onde se constrói relações e se aprimoram os saberes, recriando os valores fundamentais para que o ser humano viva melhor em sociedade, através da educação e do cuidado que leva as meninas a buscar o sentido da vida. Tudo através de caminhos que conduzem a uma procura de humanização, sem exclusão, de uma consciência que permite serem solidárias, autônomas, perceptíveis, emotivas e fraternas, capazes de irem ao encontro para conversar, porque percebem que a pessoa com quem convivem, diariamente, é também parte de sua vida.

Para as crianças e os adolescentes em situação de vulnerabilidade

a presença do educador é a base essencial, porque entre eles deverá acontecer o encontro de duas pessoas que se acolhem reciprocamente. Sendo assim, as alunas aprenderão a ser e a conviver, porque o encontro exige relações interpessoais de qualidade, diretivas e democráticas, para poderem se desenvolver pessoal e socialmente. Diferentemente, fica inviabilizada qualquer oportunidade séria de uma verdadeira ação educativa. Dentro do espaço escolar, a organização, as atividades desenvolvidas devem em tudo convergir para um melhor desenvolvimento da escola e dos seus membros, a partir da valorização das pessoas.

Paulo Freire (1996) nos expõe sua ideia de ensino progressista crítico e construtivista, que respeita e prioriza a construção dos saberes na interação entre o educador e o educando. Essa interação é o encontro entre teoria e prática, as quais, separadamente, não permitem a criação de novos saberes ou cidadania. Portanto o modelo de escola proposto é aquele que abraça, guia e aprimora a missão central da educação, que é conhecer, ensinar e aprender.

Educar é, em essência, criar espaço para o conhecimento da realidade, e para que a busca da verdade seja assumida por todos, gestores, pedagogos, colaboradores, secretários, professores, alunos, funcionários, comunidade e pais, e acreditar que a partir de relações mais fraternas o clima educativo se torna mais leve e flexível para novas criatividade e um trabalho em conjunto harmonioso, em vista de uma educação mais humana, solidaria e igualitária.

Creemos que não acontece o desenvolvimento econômico e social sem educação. Mas se almejamos uma sociedade diferente é necessário um novo modelo de aprendizagem e convivência, de valorização às diferenças e a construção do coletivo; em equipe mesmo que seja complexo, mas não é somente da escola essa principal tarefa, mas sobre ela recai fortes exigências, vejamos o pensamento de Philippe Perrenoud:

O papel da escola é “Educar as novas gerações, torna-las “responsáveis”, dar-lhes o sentido da comunidade e da partilha...a escola está na sociedade, é fruto dela, é de onde extrai seus recursos. Não se pode exigir que ela preserve ou coloque valores

que uma parte da sociedade vive ou só respeita da boca para fora. Se a nossa sociedade é individualista, se nela muitos vivem fechando os olhos é inútil exigir da escola que professe valores de solidariedade que a sociedade ignora. (Perrenoud 2005, pág. 10)

No espaço Educativo para que se tenha realmente uma transformação social é importante que haja a desconstrução de um pensamento autoritário e tradicional que se torna uma definição de resistência ao novo, esses dois fatores estruturam a educação mecanicamente e os desencoraja da responsabilidade de se recriarem, a si mesmos e à sua sociedade por que preferem viver do passado, presos a certas seguranças impossibilitando de olharem o futuro com esperança.

Uma escola que tem em seus princípios uma gestão democrática e participativa deve construir juntos, a começar pelos próprios profissionais: gestores, pedagogos, professores, alunos, porteiros, merendeiros, serviços gerais, secretário, auxiliares, famílias, comunidade local e outros parceiros da instituição cada membro ou grupo consciente de seu papel na sociedade e de sua colaboração para transformá-lo. Uma educação com estas características se faz com a participação de todos. Quando esta metodologia não se concretiza na realidade da escola quem perde são os alunos/as por essa razão são chamados a estarem unidos para que não aja exclusão, preconceitos e outras formas de crueldade para com o ser humano e divisões de classes excludentes e que geram mortes.

O educador, para exercer cada vez mais uma influência construtiva, criativa e solidária na vida do educando, precisa incorporar algumas atitudes básicas. O educando, por influência da relação estabelecida com o educador, amplia e desenvolve seus atributos pessoais (autoconhecimento, autoestima, autoconceito e autoconfiança (BRASILIA (2006, P.76).

Registraremos um relato do professor de teatro da Instituição que ao ser questionado como se sentia trabalhando com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, assim respondeu:

*“Cumprindo na minha proposta de vida o que determinei em relação ao teatro e a arte, enquanto objeto e veículo de transformação social, minha paixão é oferecer oportunidade, dar vez e voz aos que foram calados*

*pelas repressões de muitas vertentes, e transformá-los em atores e atrizes tanto para a vida (quando a pessoa se torna protagonista de sua existência), quanto para os palcos de todas as formas e condições. Quando estou trabalhando com as meninas vejo quanto seu potencial não é só artístico, mas o lado humano pode ser desenvolvido e atingir uma porcentagem maior do que somente ser sem existir. Na minha caminhada na arte do teatro e arte-educação, nada me fez mais feliz que estar entre essas meninas desenvolvendo suas habilidades, despertando sensibilidades, antes negligenciadas. Sempre busco tirar o melhor proveito da situação estimulando pensamentos críticos. ”*

Sem dúvida alguma, essa postura educativa baseada na Pedagogia de Dom Bosco: “Formar bons cristãos e honestos cidadãos” em vista de uma sociedade mais justa e igualitária, retrata um pouco do sentimento e da vida de todos os que se dedicam, verdadeiramente, a arte de educar, acolhendo com amor, solidariedade e muito respeito para com cada menina na sua originalidade, procurando desenvolver seu trabalho não somente com a competência técnica necessária, mas com humanismo e muita paciência, trabalhando os conteúdos curriculares que as ajudará a superar as dificuldades e transformar essas vidas para novas oportunidades.

## **2.1- Participação efetiva dos profissionais e membros da comunidade no processo de mudança social**

Os Profissionais da Casa Mamãe Margarida trabalham como se estivessem no limite da omissão social e transgressão pessoal, buscando trabalhar além das limitações das alunas, da precariedade e falhas do estado, da sociedade e da família. Eles mostram às alunas, a possibilidade que elas têm diante de sua defesa pessoal e social, proteção e de um futuro diferente, melhor. Acreditando, realmente, nessa certeza caminham juntos, são próximos, para que se tornem referências positivas na vida delas, suprimindo de certo modo, a ausência de quem deveria dar proteção e oferecer o cuidado necessário para essas crianças e adolescentes.

Diante das manifestações inquietantes do educando, impulsos agressivos, revoltas, inibições, intolerância, apatia, alienamento e indiferença, deve o educador situar-se num ângulo que lhe permita ver, além dos aspectos negativos, o pedido de auxílio de alguém que de forma confusa, se procura e se experimenta diante de um mundo, a seus olhos, cada vez mais hostil e ininteligível. (COSTA, 2004, p. 59).

Pelo perfil do público atendido, a escola vive em contínua formação: avaliação e planejamento contínuos, estudo de caso semanalmente com a equipe pedagógica sobre as situações mais agravantes, e assim, partir para um trabalho mais elaborado e eficaz do acompanhamento, muito particularmente, quando se tem que tomar providências positivas sobre a vida algumas meninas em situação de vida grave, como estar na rua ameaçada por traficantes, prostituição, doenças, violências psicológicas e físicas, drogas etc. Os profissionais que atuam diretamente com as meninas e suas múltiplas problemáticas, no decorrer da caminhada vão aos poucos desconstruindo mentalidades fechadas e abrindo-se ao novo que requer acolhida, e jamais a rejeição.

*“Sinto-me útil, dando uma pequena contribuição em termos de afeto e no compromisso de preparar, com elas, um amanhã melhor, menos sofrido. Procuo fazer meu trabalho com grande responsabilidade e carinho, pois, conhecendo a realidade delas reflito muito sobre como atingir o objetivo desejado para cada uma em sua individualidade, e para todas, enquanto*

*construção coletiva” (Professora Ademiza Oliveira da Silva).*

A Instituição trabalha em constante parceria com os órgãos públicos que atuam na defesa do direito das crianças e adolescentes no município e estado: Ministério Público, Vara do Juizado Cível da Infância e da Juventude, Vara de Execuções de Medidas e Penas Alternativas, Conselho Estadual do Direito da Criança e do Adolescente, Conselho Municipal do Direito da Criança e do Adolescente, Conselhos Tutelares mais especificamente da zona Leste e Norte, Secretaria de Educação do Município e Secretaria de Assistência Social do Estado, Rede Acolher e Rede Social Brasil, Centro de Atenção Psicossocial, Unidade Básica de Saúde do Bairro São Jose e ainda grupos de Universidades e empresas que procuram ajudar a instituição e outros. Tudo e todos, em vista da proteção e desenvolvimento das meninas matriculadas na Instituição, uma vez que se torna delicado a situação do atendimento integral das alunas, devido ao grande investimento que vai além dos recursos didáticos. Elas precisam de alimentação, vestuário, kit higiene e cuidado com a saúde, etc. Sabemos que são necessidades básicas, mas quando não se tem a atenção da família, acaba recaindo sobre a escola.

A escola busca garantir a todas as alunas uma alimentação saudável, banho diário, lazer, brincadeiras no pátio todos os dias, atendimento médico, odontológico e psicológico, a realização das campanhas formativas e palestras, inclusive, aos familiares e oficinas profissionalizantes. Favorece, ainda, uma rica teia de relações através das artes oferecidas pelos funcionários, colaboradores e voluntários da Instituição como dança, oficinas de grafite, pinturas e outros. Acreditamos que um trabalho dessa natureza e proporção é, capaz sim, de provocar transformações. Uma escola com autonomia e participação segundo LIBANEO tem as seguintes características:

A autonomia das escolas e da comunidade educativa é definida como faculdade das pessoas de autogovernar-se, de decidir sobre seu próprio destino, envolvendo professores, alunos, funcionários, pais e comunidade próxima que se tornam corresponsáveis pelo êxito da Instituição. Assim a organização da Escola se transforma em instancia educadora, espaço de trabalho coletivo e de aprendizagem. (LIBANEO, 2008, p. 141 -142)

Chega-se então ao ponto que a escola ultrapassa seus muros, porque em várias instancias da sociedade, Órgãos Públicos, Instituições Privadas, ONGs e Sociedade Civil, a Casa é reconhecida pelo que faz e como faz. Estamos nos referindo ao trabalho desenvolvido pela Instituição de pesquisa, que é vista pelo bom êxito de sua missão, sendo escola referência no atendimento às crianças e aos adolescentes vulneráveis e pela visibilidade de suas ações tem credibilidade para receber ajuda e ir aos poucos aprimorando sempre mais seus trabalhos, tendo como meta atingida, excelentes resultados: vidas que antes eram frágeis e ameaçadas, aos poucos vão se tornando sujeitos de ação, e protagonistas do bem e do bom.

## **2.2- Acolher, defender e promover a vida de uma criança em situação de risco. De que forma?**

As crianças em situação de risco dentro da escola são, não raras vezes, confundidas ou concebidas através da ótica do fracasso, sendo construído em torno dessas circunstâncias, um imaginário coletivo de criança pobre, sinônimo de perigo, de marginalidade e de carência total, inclusive, de sonhos e desejos. Fazemos memória dos vários momentos que em alguma escola escutamos: *“aquele não quer nada com nada, pai traficante, mãe traficante...é o que ele vai ser também”*, *“essa criança é muito carente, totalmente abandonado por pai e mãe, não sei o que vai ser dele”*, *esse menino é muito violento, não respeita ninguém, eu tenho é pena do que será ele amanhã*”. São essas e muitas outras falas que se fazem em sala de aula, nos corredores das escolas e sala dos professores.

Nas escolas públicas e de periferias, muitas vezes, os Profissionais se limitam ver o aluno apenas neste espaço físico e também neste espaço de tempo, não alargando o olhar para ver além e perceber o que está por trás de determinadas atitudes, comportamentos, as dificuldades de aprendizagem, e ir em busca de um resgate daquelas vidas, através de diversos fatores que podem contribuir no contexto educacional. Sabemos do risco que existem além dos muros, mas é preciso arriscar com alternativas condizentes, para se chegar à totalidade dos alunos, os quais antes de qualquer atitude que os condene, são considerados invisíveis. Infelizmente, existe muito o medo de ir à procura desses meninos/as ou de acolhê-los, dependendo das características com as quais se aproximam das pessoas e/ou da Instituição.

O aluno em situação de risco muitas vezes é aceito, mas pouco acreditado em sua possibilidade de mudança; a escola chegará a ajudá-lo a crescer se em suas possibilidades olhar esse aluno/a com compaixão, ousadia e desejo de transformá-lo, se dentro da escola as aulas, oficinas, momentos de recreios, formações, assembleias forem bem planejadas e com objetivos e metas claras e bem definidas a serem atingidas.

Se os processos forem estes, com certeza, o efeito será positivo na vida desses alunos. Eles necessitam de acompanhamento e propostas que sejam realizadas com eles e para eles, pois, são capazes de serem coautores do próprio processo de transição. Caso contrário, o espaço da escola será sempre um espaço de tempo, mas sem significados para eles, indo buscar fora, e infelizmente encontrarão, formas de sobrevivência não dignas, mas, exploratórias e destruidoras não somente da própria dignidade, mas da própria vida.

O que o aluno apresenta na escola, o seu “fracasso”, está relacionado à sua dificuldade de aprendizagem que é desencadeada pelos vários processos de violação de direitos que causam indignação para com os sistemas e a sociedade que são partes diretas e indiretas no contexto de exclusão de tantas crianças.

Expostas ao convívio cotidiano das mais diversas situações como fome, falta de abrigo, violência, drogas, criminalidade, ausência de proteção da família, dificuldade de permanência ou mesmo de acesso à escola, crianças e adolescentes veem diminuídas suas condições de terem o desenvolvimento integral de suas potencialidades, lhes sendo negada a garantia da cidadania, seja pela família, seja pelo Estado e pela própria sociedade. (BENTES, 2014, p.148)

O Brasil tem uma das legislações mais avançadas do mundo no que diz respeito à proteção da infância e da adolescência. No entanto, é necessário adotar Políticas Públicas capazes de combater e superar as desigualdades geográficas, sociais e étnicas do país. São milhares de crianças e adolescentes excluídos da escola e elas têm rosto e endereço, são crianças pobres, migrantes, marginalizadas, etc.

Segundo Bentes 2014 em Manaus mais de 1/3 da população da cidade situa-se na faixa etária de 0 a 18 anos, o que exige uma atenção especial por parte do poder público com relação às demandas específicas do seguimento infanto juvenil. São partes dessas crianças e adolescentes do sexo feminino matriculadas na Instituição Casa Mãe Margarida, e que desde a sua concepção já fazem parte do ciclo dos pobres e excluídos.

Inserir estas meninas que se encontram em situação de vítimas no horário noturno, ou em outras escolas ou não reconhecer suas vulnerabilidades na tentativa de superá-las poderia favorecer a continuidade ou a entrada das destinatárias nos casos de exploração sexual, uso de drogas lícitas e ilícitas e outras formas de domínio e abuso, as quais como escola se busca combater diariamente potencializando a situação de risco na qual elas já se encontram. Por essa razão o convenio supracitado com a Secretaria de Educação do município tem por interesse que essas meninas possam cursar sua educação básica dentro da própria Instituição que as protege, tornando a educação formal.

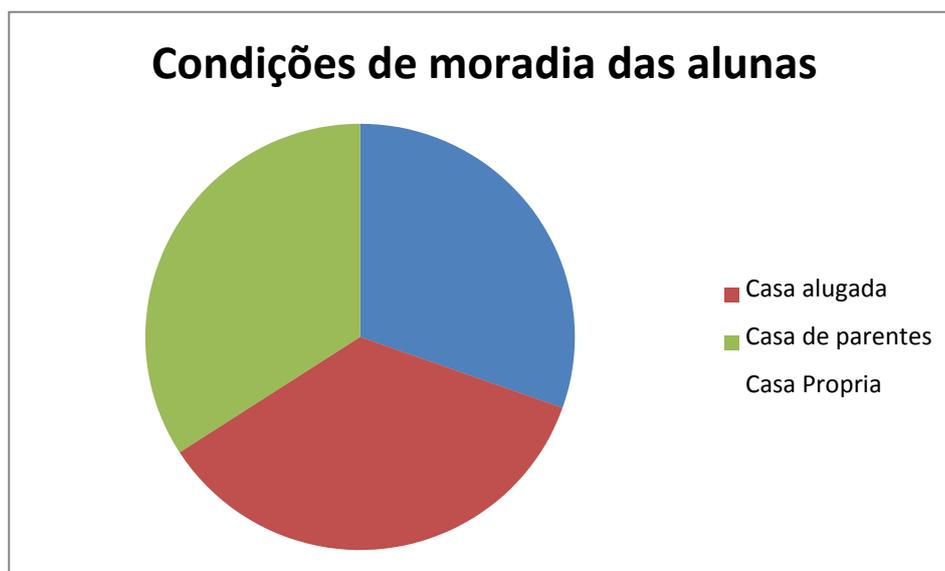
Na cidade de Manaus não existem outras Instituições que tenham as mesmas características de trabalho ou semelhantes à Casa Mamãe Margarida e que sejam reconhecidas pelas Instancias Públicas e Privadas. Vejamos alguns gráficos demonstrativos das meninas matriculas referentes ao ano de 2017.

### 2.3 - Perfil das crianças e adolescentes encaminhadas para a Instituição Casa Mamãe Margarida.

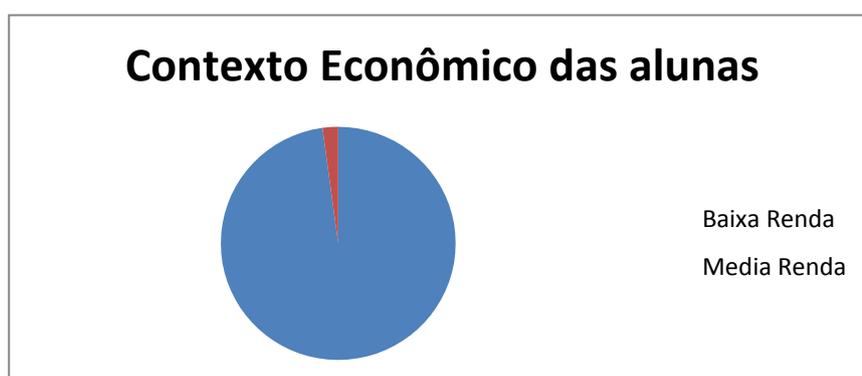
O gráfico abaixo apresenta os motivos pelos quais as meninas foram encaminhadas pelos conselhos tutelares à Instituição. **80,91%** foram pela razão da vulnerabilidade social sob o aspecto de prevenção devido já terem apresentado comportamento desequilibrado e que chama a atenção para o desvio. **4,55%** se encontram em risco devido já terem ou estarem envolvidas com algum conflito dentro ou fora da família, **2,75%** têm a família envolvida no tráfico, **2,69%** sofreram abuso sexual, **1,82%** tem a experiência da vivência de rua **1,82%** se encontram sob ameaças devido ao motivo de brigas ou dívida por conta das drogas, **1,82%** vivem em extrema pobreza e **3,64%** sofrem violência doméstica.



Sobre a situação da moradia temos a seguinte demonstração: **35,07%** residem em casa de familiares e com um número grande de pessoas morando juntas; **30,6%** vivem em casas alugadas e **34,33%** tem casa própria.



O contexto econômico é ainda mais precário, e com certeza, é o que causa maior reflexo em todas as demais situações de precária sobrevivência: **97,85%** têm uma renda muito baixa e sobrevivem através de alguns programas de ajuda do governo; outro de pequenas vendas e até pedindo pelas ruas. Nesta situação muitas vezes as crianças já se tornam pequenos vendedores e negociantes, a maioria vende bombons, picolé, dim-dim, verduras, e realizam alguns serviços quando solicitados. Outros acompanham os pais nos serviços e outros devido à escassez de alimento e outras necessidades, acabam se tornando as mulas ou os “laranjinhas” do tráfico, sendo assim, negligenciados nos seus direitos e deveres enquanto cidadãos. Apenas **2,15%** vivem como uma média renda.



As moradias onde vive a maioria das meninas atendidas, não oferecem quase nenhum conforto, considerando que muitas são casas palafitas que ficam às margens de algum canal de águas oriundas de esgoto ou córrego poluído, sujeitas a adquirir muitas doenças devido à falta de saneamento básico e assistência do Poder Público, que os ignoram e os tratam com descaso. As famílias que moram com os parentes também têm sua dignidade e privacidade comprometidas, uma vez que dentro de uma pequena casa, há muitos membros que tentam viver como podem, não poucas vezes sendo desrespeitados ou passando por muitas humilhações, principalmente, por não poderem colaborar financeiramente. As famílias que têm sua própria moradia, mesmo assim, não usufruem também de um bem-estar tranquilo por motivo da área em que residem ou situações comuns as demais, como desemprego e a falta das prioridades básicas para sua sobrevivência. **77,04%** moram em casa de alvenaria, **22,22%** em casas de madeira e **0,74%** em casas mistas.

As moradias da população pobre da cidade de Manaus situam-se em áreas de risco, encostas íngremes, terras sujeitas a alagamento, onde convivem com doenças, inadequadas condições de habitabilidade e ausência de assistência por parte do poder público. (BENTES, 2014. P. 110)



A escola a partir do seu fazer pedagógico, atuando de forma participativa, buscando a transformação pessoal e social das meninas matriculas, vivenciando na sua prática o que nos deixou Paulo Freire como legado quando disse, que é necessário conceber o conhecimento enquanto

construção que está em relação com todo o contexto cultural, político e socioeconômico das crianças e adolescentes, buscando, simultaneamente, desenvolver um olhar crítico sobre a realidade, formando e desenvolvendo nela uma consciência crítica em relação ao mundo em que está inserida, enquanto sujeito livre, responsável e consciente de seu papel e de sua contribuição para a transformá-la, desenvolvendo em si uma resiliência que as torna resistentes na luta contra toda forma de marginalização e exclusão, reconhecendo dessa forma sua dignidade e vida plena.

Cada pessoa trouxe consigo uma promessa ao nascer, um potencial. Cada ser humano tem o seu valor, o seu brilho, a sua contribuição para melhorar o mundo. Se essas pessoas atuam (des) alinhadas, contudo, é como se tivessem pérolas nas mãos, cada pérola representando um valor de per si. Cada pérola tem um valor em si mesma. Já a equipe que luta e trabalha alinhada representa um colar de pérolas, porque, compartilhando visões, sonhos, sentidos, sentimentos e ações, de maneira convergente e complementar, é capaz de cumprir uma função social e de contribuir para que nossos adolescentes, particularmente os que se encontram em situação de risco pessoal e social, possam cumprir as duas tarefas básicas dessa etapa peculiar da vida humana: plasmar sua identidade (compreender-se e aceitar-se) e construir seu projeto de vida (querer algo e saber o que é necessário fazer para chegar lá ( BRASÍLIA, 2006, p. 136).

Acolher, defender e promover a vida é a visão filosófica da Instituição que quer cuidar do ser humano, enquanto imagem e semelhança de Deus. Portanto, busca ver e acreditar no protagonismo das meninas, que elas são capazes de serem agentes de transformação de suas histórias, porque um ser humano em potencial, um sujeito ativo pessoal e socialmente, para reconstruir sua própria história, recolher os “pedaços” de vida que caíram no caminho e remontá-los.

São muitas as alternativas dentro da escola que vêm de encontro com as necessidades apresentadas pelo público atendido: o ambiente educativo que se caracteriza pela flexibilidade, buscando agir de acordo com a demanda educativa que emerge das várias situações e que encontra como suporte o tripé da Pedagogia Salesiana que abordaremos no capítulo seguinte. A presença educativa é de fundamental importância, considerando ser o educador a “chave mestra” de todo o processo educacional. Neles as crianças e adolescentes buscam encontrar a familiaridade que leva à

confiança e à abertura do coração, para estabelecerem o diálogo necessário à construção do conhecimento e da educação.

O acompanhamento se faz extremamente necessário, para que cada menina possa acolher e integrar sua história de forma equilibrada, e acolher suas experiências com a clara consciência para se posicionar crítica e eticamente diante das escolhas de vida. A pedagogia da presença é importante para qualquer pessoa, de modo especial para as vidas mais frágeis afirma (Costa. p.30)

A presença, é uma exigência constante para o desenvolvimento da personalidade e a inserção social de todo ser humano. Do início ao fim, a vida de cada um de nós se traduz num desejo constante de presença. Quando estes vínculos não existem, ou são demasiado frágeis e se rompem, todo o dinamismo se esvai. A vida torna-se absurda e vazia de sentido e a conduta se deteriora e degrada cada vez mais. As manifestações delinquentes dos jovens assumem formas inquietantes às quais o Estado e a sociedade procuram responder com os mecanismos caducos do alerta, da repressão, da segregação, e, no Brasil, até mesmo do extermínio.

No capítulo seguinte veremos, especificamente, o desenvolvimento dessas práticas cotidianas, como elemento chave para uma transformação de vida.

#### 4. - CÁPITULO III

##### **O Conhecimento, a Espiritualidade e o Cuidado - um tripé de transformação social - Pedagogia de Dom Bosco**

Na Educação, existe um acordo comum quanto à sua natureza e os objetivos a serem perseguidos, ou ainda quanto a um horizonte com poder iluminador e doador de sentido que é adquirido enquanto se busca e quase nunca é alcançado. Mas o horizonte amplo está presente como suporte de um sonho que está prestes a realizar em sua potencialidade, tanto quanto o sujeito estiver preparado para conter ou fazer desabrochar. (CASTRO, 2002, P.41)

A Escola Casa Mãe Margarida caracteriza-se por suas ações educativas pela compreensão e efetivação do Sistema Preventivo de Dom Bosco, método educativo desenvolvido pelos Salesianos de Dom Bosco (SDB) e pelas Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) - sobre a experiência pedagógica fundamentada em três pilares: **razão, religião e bondade amorosa**, forma educativa que tem como uma de suas características a **“presença”** uma ação para colaborar com o crescimento dos adolescentes e jovens através do acompanhamento, pois, caminhando junto com eles no pátio e outros espaços se aprende a conhecê-los e com a proximidade pode acontecer o processo de confiança que os adolescentes e jovens tanto precisam e que ultrapassa a relação da mera educação. Vejamos o significado abaixo das palavras contidas no trinômio do Sistema Preventivo criado por Dom Bosco:

**A Razão** - Capacidade de discernir, compreender o que acontece, de agir com bom senso na busca da verdade e no cumprimento responsável dos deveres. Todo ser humano é um ser de razão que tem como tendência natural, segundo Aristóteles a ânsia pelo saber. Mas, Dom Bosco crê na capacidade de aprendizado de todo educando, mesmo os mais difíceis. “Em todo jovem, mesmo no mais rebelde, existe um ponto acessível ao bem; o primeiro dever do educador é descobrir esse ponto, essa corda sensível do coração e tirar proveito disso” (MB V 367).

**Religião** - É a abertura ao transcendente para perceber a presença de Deus que se manifesta no cotidiano da vida, trazendo paz ao coração, propiciando a experiência do acolhimento, alegria e proteção, Uma religião da “Boa nova” do Evangelho, que proporciona aqueles que o experimentam e aderem se tornarem “bons cristãos e honestos cidadãos.

**Amorevolezza** - Palavra italiana que aponta para um amor com algumas particularidades: é o amor demonstrado, por isso, um amor afetivo e efetivo; através dele se manifesta a própria empatia, o próprio afeto, a compreensão, a compaixão e a coparticipação na vida dos outros. Enfim, “a amorevolezza é uma energia espiritual que nasce da mística do amor de Deus para os jovens” (Pe.Tarcísio Scaramussa e Pe. Genésio Zeferino da Silva Filho).

No Sistema Preventivo encontram-se os elementos necessários para o desenvolvimento completo da pessoa no aspecto físico, intelectual, moral, social, religioso e afetivo sob a ótica da inclusão e da reciprocidade. A escola por meio de suas ações sociopsicopedagógicas e funcionamento em tempo integral com sua jornada escolar e atividades complementares sempre usando de muitos estímulos como incentivo característico da Pedagogia Salesiana, um espaço que acolhe diferente, alimentação saudável três vezes ao dia, incentivos para a aprendizagem e gosto pela leitura e pesquisa, uso do laboratório de informática, práticas culturais religiosas, de lazer e esportivas que despertam a autoestima, vivência em grupos e promoção da cidadania criando assim a integração dentro do espaço escola, na família e comunidade como ferramentas de um crescimento integral das alunas.

Há três décadas a Instituição tem a convicção de contribuir para a inserção, a permanência e o sucesso das meninas na escola quando algumas por algum motivo já até haviam feito o abandono da carreira escolar e também uma reintegração na sociedade; esta missão não é só por um combate da pobreza, mas também pela descoberta de suas competências e qualidades enquanto pessoa, o que é fundamental para seu crescimento humano e uma

transformação social, para que a partir do despertar crítico e maturação humana ela deixa de ser mão de obra barata absorvida pelo mercado informal, olheiras do tráfico de drogas, objetos de exploração sexual e outras formas de exploração. Neste contexto a Comunidade Educativa age de maneira corresponsável para que as alunas se tornem protagonista de sua nova história através da educação e outros meios existentes como proposta dentro da Instituição.

A Escola Mamãe Margarida acredita ter por missão testemunhar que o outro tem possibilidades de crescer em todos os sentidos. Como uma Instituição Salesiana que bebe da fonte carismática de Dom Bosco vive a filosofia de seu pensamento ao afirmar que por mais problemático que pudesse parecer um jovem, se o olhássemos de dentro para fora iríamos encontrar nele a semente do bem. Assim, alimenta-se da esperança ao investir e acreditar na vida das alunas porque Sistema Preventivo leva à credibilidade do Protagonismo Juvenil, confiando que a pessoa pode se tornar o ator (a) de sua própria história, um ser humano em potencial, sujeito ativo pessoal e social. Cada menina pensa, fala, escreve, sente, age, etc., ela não é um sujeito passivo, mas ativo no mundo em que vivemos. Embora com uma história de vida fragilizada, tem em sua opção pastoral e educativa gerar, promover e defender a vida tendo como ponto de partida a Caridade de Cristo Bom Pastor.

Dentro da escola o acompanhamento é uma estratégia prioritária da Pedagogia do Ambiente, pois, a presença do educador possibilita está próximo das dificuldades das crianças e adolescentes em situação de risco, para ajudá-las a desabrochar em seu processo de amadurecimento. O professor se torna mediador e condutor de possibilidades concretas para que a menina possa expressar verbalmente ou escrevendo sua história de vida, seus traumas, sofrimentos e então começar a se reencontrar através das terapias e estratégias oferecidas pela Instituição.

O pão, mesmo abundante, é amargo para quem o come na solidão ou no anonimato coletivo de um atendimento massivo e embrutecedor. O preceito evangélico “Nem só de pão vive o

homem” assume aqui um valor humano de relevância e concretude irrefutáveis, é através de presenças humanas solidárias e atentas ao seu redor, que o adolescente em dificuldade recebe a prova, para si mesmo, do seu valor e da sua unidade. (COSTA p.12)

### **3.1- Práticas cotidianas: estratégias pedagógicas para alcançar resultados positivos na vida da criança em situação de risco**

A Instituição coloca a menina no centro de atenção e respeito, buscando acolhê-la como ela é, deixando-a livre para algum tempo de adaptação, concedendo-lhe o direito de vivenciar um clima de família, não exercendo sobre ela nenhuma forma de autoritarismo repressivo, tenta ser prudente e respeitosa sobre a vida da educanda, procurando conhecer o meio onde vive com sua família, parentes ou quem por ela é responsável, e mais, favorece a descoberta de valores para que ela possa protagonizar sua história.

As práticas do cotidiano escolar acontecem dentro de um processo organizacional e coordenado, a partir das reflexões feitas e estabelecidas pelos diferentes grupos de trabalho formado pela equipe gestora e os educadores, tendo como referências os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Proposta Pedagógica da Rede Salesiana e orientações Pedagógicas da Secretaria de Educação do Município e, sobretudo as reais necessidades das educandas.

Sua metodologia perpassa por uma série de estratégias com o intuito de diversificar e democratizar as ações realizadas como ponto de encontros multiculturais para além das paredes das salas de aula, atividades livres, realização de fóruns, debates sobre assuntos de difícil acesso ou polêmicos, construção de estratégias com intencionalidade discutidas com os profissionais, mas, ainda é limitada a participação das educandas dentro de uma gestão compartilhada embora tenham qualidade de vida dentro do espaço educacional, acontecem os Estudo de caso que é um método qualitativo de partilha e escuta sobre algumas meninas, mas de forma individual; a equipe é formada pelos técnicos: pedagoga, psicóloga, gestor e assistente Social. Uma educação com o olhar e ações positivas que tenta devolver as educandas o caminho de sua libertação.

A educação, enquanto possibilidade e construção da autonomia, pode contribuir efetivamente como suporte aos adolescentes, para que possam construir competências resilientes, a fim de lidar com os embates e desafios cotidianos, inclusive aqueles próprios ao

contexto escolar, no qual estão envolvidos vários sujeitos: gestores, docentes, alunos, famílias, vizinhanças, toda a comunidade. (TEXEIRA, 2015 p. 51)

O plano anual da escola prioriza o trabalho coletivo como mecanismo cooperativo, base da proposta pedagógica que favorece a troca de experiências. A avaliação é concebida como resultado de um processo articulado de atividades educativas dentro e fora da sala de aula acompanhado através do quadro de desempenho de cada professor, instrumento criado pela coordenação pedagógica. A instituição pelo processo de vida das meninas não apresenta em seu perfil um resultado positivo através de avaliações como Provinha Brasil, Avaliação Nacional de Alfabetização e Avaliação de Desenvolvimento Educacional por ser para algumas de difícil compreensão e a ausência razões que impede a realização com os 100% das participantes deixando assim o resultado baixo no IDEB dentro do Município.

Esse procedimento parece não contentar muito as estatísticas do Estado, mas quem convive diariamente com essas meninas percebem a vida desabrochar e verdadeiramente a aprendizagem de acordo com a condição de cada uma ir acontecendo, elas testemunham em muitos aspectos que aprendem e ensinam pela luta que vivem todos os dias e que não é fácil encontrar motivação ao olhar para a precariedade da moradia, a desestrutura familiar e a escassez na alimentação, mas que mediante a tudo tem uma resiliência que ainda as permitem sorrir e ter esperança pelo regaste de sua dignidade, se esforçando embora com algumas resistências pelo autoconhecimento de si e convivência familiar com os profissionais que atuam com elas demonstrando passos de um amadurecimento integral através da construção de conhecimentos, competências e valores, bem como o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e criativo. Os resultados das avaliações não geram descontentamento no quadro dos educadores da Instituição, pois, apesar dessa limitação e de outras eles percebem nitidamente o desenvolvimento e crescimento das alunas no decorrer de sua presença no espaço educativo.

Muitas crianças e adolescentes que chegam a Instituição além da

situação de vulnerabilidade caracterizada principalmente pela pobreza apresentam situações mais críticas, algumas meninas entre 06 a 08 anos ou até de mais idade nunca haviam tido acesso à educação, demonstrando falta de atenção e de concentração, não sabem a escrita levando assim mais tempo para o desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, outras apresentam resistência na aceitação das regras de convivência, algumas com problemas neurológicos, meninas com um raciocínio lógico lento dificultando a aprendizagem da leitura e escrita e várias outras limitações.

As alunas maiores que já passaram por algum grau de alfabetização conseguem organizar textos saindo da rotina apenas de palavras e quando começam a escrever sua própria história, dão pequenos passos para uma libertação de traumas até então não partilhados; nas salas sempre há uma novidade que as levam a uma motivação do desenvolvimento intelectual e emocional, favorecendo a interação e a socialização, esforço continuo das professoras para elevar a autoestima delas com o interesse de ampliar com alegria suas habilidades. O estar junto com elas é ter consentimento, reciprocidade e respeito mútuo.

Existe o agravante que está no descompromisso e abandono de vários pais e ainda a dificuldade por não saber acompanhar as filhas no fazer das atividades ou ajuda-las em uma organização, uns pais ou responsáveis apresentam resistência por a filha estudar em tempo integral pois é preferível trabalhar e dependendo da idade ficar em casa cuidando dos irmãos menores etc. Atitudes que limita e deixa mais lento o processo crescimento da menina agravando a auto baixa estima causando para algumas o abandono escolar e tantas vezes casos de agressões física e psicologicamente causada por eles dentro do lar são relatado pelas próprias crianças e adolescente como forma de pedir ajuda. São desafios que levam a escola a viver um dinamismo continuo.

Algo interessante como característica da instituição é que sempre no período de recesso acontecerem as visitas domiciliares, todos os funcionários da instituição organizados em duplas vão visitar as famílias das meninas atendidas, o que auxilia no conhecimento e compreensão de muitos

fatores da vida da aluna. No período de estagio cheguei a fazer esta experiência, nela existe risco devido as áreas em que elas residem, mas os funcionários conseguem ter grande coragem para enfrentar esse desafio, muitas das meninas acompanham a ida deles até por que o endereço contido na ficha de matricula nunca é o mesmo, elas se mudam muito devido a maioria viver de aluguel ou casa de familiares. Há algumas fotos no anexo.

Por razões dos fatores acima citado a escola utiliza-se de vários instrumentos como estratégias para o desenvolvimento cognitivo das alunas; estas são imaginadas e criadas através do diálogo nos espaços de formação e reflexão dos educadores, arte educadores e toda a equipe pedagógica e técnicos, neste momentos existe a partilha sobre os desafios e resultados alcançados no desenvolvimento das alunas, sobre a realidade que se confrontam no dia-a-dia ao estarem juntos com as elas, são teoria versus, conhecimento do cotidiano, trabalho coletivo interdisciplinar e processo de humanização, estratégias também presentes no Currículo Nacional para Educação, em especial na Proposta Pedagógica Salesiana , nas experiências adquiridas nos blocos pedagógicos que são fichas de acompanhamento do desenvolvimento de aprendizagem da alunas nas primeiras series iniciais nos três anos.

Além dos instrumentos/documentos exigidos como diário, cumprimento da grade curricular, dos conteúdos, projetos, horários de aulas e avaliações existem instrumentos elaborados para uso interno no acompanhamento das meninas inclusive um banco de dados, programa criado para uso exclusivo da instituição e que desperta interesse em algumas instituições do Município. Cada turma tem seu dossiê, material criado pela Psicóloga e o Diretor, e acompanhado pela Pedagoga, dentre desta pasta catalogo existe o plano de Curso anual, cumprimento do horário estabelecido das aulas e atividades das alunas, dos dias letivos previstos em calendário, calendários de Planejamento quinzenais, relatórios de avaliação semestrais, relatório de desempenho que é feito bimestralmente sobre cada aluna, projetos, avaliações do 1º e 2º bimestres, ficha de acompanhamento semanalmente.

Planejar, então, remete a: querer mudar algo, acreditar na possibilidade de mudança da realidade, perceber a necessidade da mediação teórica- metodológica, vislumbrar a possibilidade de realizar aquela determinada ação. Para que a atividade de projetar seja carregada de sentido, é preciso, pois, que, a partir da disposição para realizar alguma mudança, o educador veja o planejamento como necessário e possível. (VASCONCELOS, 1999, p. 36)

A partir dos Planejamentos os professores as aulas e outros espaços de aprendizagem se tornam dinâmicos eles transformam os conteúdo programático proposto para as alunas em uma atração que dar prazer aprender, são jogos de memória dentro e fora da sala de aula, atividades esportivas todos os dias no pátio da escola ou por disciplina ou por gosto de brincar, realizações de dramatizações, coreografias, construções de cartazes e ensaiam de pequenos textos e grandes também para apresentações teatrais e recitações de poesias, elas criam na sala de aula pequenos espaços encantadores para a aluna se sentir bem e alegre, fazem as alunas vivenciarem o processo da escrita através de leituras individuais e coletivas, leituras de produção de maneira criativa e atenciosa.

A valorização do lúdico e da arte são importantes, para que a sensibilidade de cada uma em situação de risco, o lúdico é entendido como expressão de jogar e brincar, e momentos diversos de apresentações artísticas. Mas vai muito além disso. Já Ludoteca é um espaço terapêutico na superação de traumas e ainda espaço educativo para os professores trabalharem de forma personalizada as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças em sala de aula, e as várias realizações de oficinas que já foram citadas anteriormente.

Os projetos realizados na instituição como coleta seletiva, trabalhando a conscientização ecológica e de reciclagem; lendas Amazônicas, projeto trava- língua; fórum da sexualidade, gincana Mariana, terço mariano, arte sustentável, festival folclórico, baile das debutantes, festa da família e festa da gratidão levam as alunas a uma grande socialização, crescimento nas relações e estímulo da memória e disposição física devido os projetos exigirem esforço mental e corporal, durante o período de preparação de culminância dos

projetos elas se envolvem com grande empenho da mesma maneira nos projetos vindo do externo como ações sociais oferecidos por algumas universidades, ou elas saem da Instituição como os momentos de espiritualidade onde realizam retiros espirituais, quando vão a passeios são momentos muito bem participado, como elas o tempo e o encontro e no fim conseguem demonstrar gratidão por que realiza esses momentos e as educam.

As alunas tem uma rotina diária, ao chegar na escola ela recebem um bom dia dado por algum profissional ou elas mesmas quando organizado pelo responsável do dia, neste momento são feitas reflexões sobre alguma temática, data comemorativa, as vezes tem danças, teatro e sempre encerra com o momento de oração, em seguida elas tomam café e vão a sala de aula ou algum momento no pátio que sempre é dirigido por alguma professora ou grupos que vão realizar ações educativas na instituição, as vezes por estagiários ou voluntários, no período da manhã ela não tem intervalo fora da sala a não ser que seja orientado, ela já encerram o período da manhã no horário do almoço as 11h30min. A partir das 13h elas começam participar das oficinas por idade que são divididas em dois tempos até as 16h30 quando merendam e retorno para seus lares.

Durante o período de estagio foi muito bom poder observar todo o dinamismo da Instituição, através do acompanhamento por meio de documentos e também da prática cotidiana através das atividades em tempo real. Constatamos esse dinamismo no desenvolvimento das aulas e atividades extracurriculares, onde são usados com frequência, muitos recursos em vista de um melhor aprendizado das alunas, facilitando sua compreensão e despertar intelectual através do lúdico e de elementos que são parte de suas vidas cotidianas, método aplicado e ensinado por Paulo Freire.

Dentro deste espaço de ensino-aprendizagem, as meninas não param. Elas têm apresentam inquietações e ansiedades que são visíveis, outras de aparência apáticas, mas que apresentam, apesar do sofrimento, muita coragem e resiliência. Elas correm, brincam, brigam, gritam, se alimentam, descansam, aprendem, têm preocupações, tristezas, querem

dormir, têm necessidade de tomar banho e conversar com alguém, receber um abraço, escutar coisas saudáveis que faz recriar novos pensamentos e rever suas atitudes e acima de tudo tem necessidade de serem escutadas e de receber atenção. Pedagogicamente é resgatar o que há de positivo na conduta dessas crianças e adolescente em dificuldade, sem rotulá-las nem as classificar em categorias baseadas apenas nas suas deficiências.

Aparentemente, elas parecem não dar muito valor a vida, mas é desconstruído esse pensamento ao se tornarem conhecidas pelos profissionais e então se percebe que elas têm preocupação com a própria vida e de suas famílias, que tem medo de morrer ainda criança ou jovem. Isso se descobre a partir da convivência com os educadores da escola, dos atendimentos feitos pelas assistente social e psicóloga através da escuta individual e terapia de grupo. As meninas com o convívio e a conquista da confiança se tornam sensíveis para confiar aos profissionais, principalmente, aquele/a que elas mais se identificam sua história de vida como pedido de ajuda. A partir deste contexto os membros da Instituição sentem-se motivados para melhor serem referências neste processo de transformação que cada aluna busca conquistar e não só os professores, mas até a cozinheira, refeitoreira, funcionários dos serviços gerais, bibliotecária, voluntários e até acadêmicos que na instituição fazem estágio. Todos são envolvidos pelo vínculo de vida. Leiamos um escrito da bibliotecária Greyce Reis

*“É o amor e a gratidão! O amor é um sim à pertença pronunciado de todo o coração, o nosso sim é espontâneo e feliz, quando nos apaixonamos o nosso senso de pertença é enorme. A dimensão desse amor manifesta em mim a necessidade do sentimento de ser acolhido e acolher, de ser protegido e proteger, de dar mais do que receber. De querer bem ao outro de dar afetividade, dar aconchego. E daí emerge a necessidade de orientação de tudo que sinto em relação a Casa Mamãe Margarida. Não dá para fugir da realidade que bem no fundo do coração de cada menina, não obstante, as manifestações externas de agressividade, há um desejo de amar, de ser amada, tratado com delicadeza, ternura, respeito e carinho pelos outros. Mas faz-se necessário a*

*palavra da razão, não basta o que sinto, é necessário equilíbrio. A gratidão é a vitalidade plena e está resumida no símbolo do coração é a alma da oração. Essa vitalidade encontrei na casa e em cada menina, em cada olhar, pois, só o olhar delas diz muita coisa. E o sentido de pertencer é um fato estabelecido, um fato dado à nossa pertença é um dom, é mútuo”.*

Na Instituição todos os espaços são bem frequentados: biblioteca, laboratório de informática, auditório com palco, sala de terapia, o pátio como espaço de diversão, as salas de artes etc. As alunas com a ajuda das várias parcerias têm a oportunidade de participar de eventos externos, como passeio na Ponta Negra, conhecimento de algumas empresas importantes, ir ao cinema no shopping e assistir aos filmes que desejam, passeios aos pontos turísticos da cidade, como por exemplo ir às praças, parques, zoológico e ainda apresentar a sociedade quando solicitado espetáculos teatrais com temáticas sobre a atualidade e também espetáculos infantis.

Elas têm oportunidades de receber cuidados básicos nos espaços da Instituição através de ações sociais com diversos atendimentos para elas e suas famílias: de saúde na UBS da comunidade, realizações de festas juninas, das crianças, final de ano com festas e presentes, e outras mais não se limitando somente aos dias de segunda a sexta, mas também nos finais de semana quando necessário.

O educar não se trata de transmissão de normas ou regras, mas de escuta, levantamento conjunto de proposições e de interpretação de mundo, e de acompanhamento (a partilha do caminho). Vão se colocando, dessa forma, condições para o empoderamento dessas adolescentes, no sentido de percorrer com elas várias estradas, que possam desdobrar-se em novas perspectivas de vida. Enquanto garotas que podem ser mais que um corpo, uma vestimenta ou um acessório, mas podem exercer o protagonismo em suas próprias vidas. TEXEIRA (2015, P. 19)

Na Instituição tudo parece falar, ou seja tudo é importante, pátio como ambiente de chegada, do encontro, correrias e gritos, a acolhida como espaço de silêncio e interiorização, a sala de aula, as oficinas, a alimentação, os eventos internos e externos, o ambiente familiar e, acima de tudo a vivência do amor sentido através do cuidado são elementos que fazem ultrapassar o medo e insegurança e arriscar mais nas suas potencialidades, na descoberta do bom que existe em cada pessoa, rompe barreiras e leva a acreditar que a transformação pessoal e social de uma vida.

Vidas antes tratadas com menos esperança e olhar otimista, sem tanta esperança de possibilidades, mas que se transforma percorrendo um caminho construído de forma coletiva pautada no amor e na acolhida cuidadosa e amorosa sem exclusão e/ou preconceitos, mas aonde uns abraçados com outros alimentam o sonho da grande aventura de voar com diz Leo Buscaglia: **“Somos todos anjos de uma só asa, e só podemos alçar voo se estivermos abraçados uns aos outros.”** E assim é desenvolvido o trabalho de muitas pessoas que abraçadas em prol de muitas vidas fragilizadas, porque destruídas e machucadas, reconstroem inúmeras esperanças e sonhos pelo simples fato de amar a VIDA, dom por excelência que Deus e que não pode ser perdida por puro descaso ou abandono. Finalizamos este capítulo escrevendo a fala da ex professora Francisca que trabalhou nesta escola.

*“O trabalho social de conhecer as dificuldades, a realidade do indivíduo é uma questão séria que move com a ética e moral da pessoa. Quando obtive a proposta de trabalhar na Casa, naquele momento foi dito um pouco da realidade que iria encontrar, frente a toda problemática que envolve as meninas atendidas e que teria toda a liberdade para desconsiderar a proposta de trabalho. Assim, a título de experiência, adentrei a realidade da instituição para participar do seu cotidiano. Logo de início somos envolvidas por uma realidade que mexe com toda a nossa estrutura de ser humano. As meninas são extremas em seu contato com o outro ou te amam demais ou te desprezam. Dessa forma, tive vários momentos de choro: de alegria, de amor, por sentimento de incapacidade, de frustração por não ter conseguido afastar o sofrimento da mente e do corpo de uma menina. Hoje afastada da rotina*

*desse lugar que proporciona um oásis ao sofrimento das meninas, sempre que possível retorno para participar das atividades ali desenvolvidas. Penso que passei no teste". (Francisca ex professora)*

### 3.2 RELATOS DAS MARGARIDAS – POR QUE SOU UMA MARGARIDA?

Transcreveremos alguns depoimentos que, sem dúvida, enriquecerão a referida pesquisa. São vozes de alunas e ex-alunas da Escola Casa Mamãe Margarida que de forma simples, porém, autêntica relatam a beleza do fruto que nasceu, porque a semente foi cultivada, enquanto elas permaneceram na escola, cujo cuidado dos profissionais, em todos os sentidos, gerou vínculo afetivo, o que muito contribuiu para o resultado. Realmente, o ambiente e sua maneira de educar podem marcar, profundamente vidas, a tal ponto de acontecer uma transformação total, a começar pela mudança de mentalidade. Várias adolescentes após terem realizado a etapa de ensino oferecido pela escola continuam na Instituição no contra turno escolar, elas realizam atividades de apoio escolar e outras, de caráter cultural diversos.

Um fator essencial é o sentir-se querido por alguém; este bem querer favorece ao adolescente a constituição de um sentido de autonomia, a provar suas capacidades, a realizar escolhas, por que se sente acreditado por alguém. Um afeto, porém, que não neutraliza a hierarquia e a autoridade dos pais com educadores, mas sim um ganho na melhoria da relação, pois este processo também é feito de regras familiares e sociais, como de limites sadios na vida. A imposição de limites embora no início com muita resistência de aceitação por parte da aluna com o percurso da caminhada já não é mais uma via de obstáculo para o desenvolvimento da adolescente, pois, diante de regras e limites, adquirem maior autoconfiança e estímulo para assumirem os valores morais e as responsabilidades; desenvolvem o sentido do dever e das obrigações em relação ao outro (BOLLE DE BAL, 2001). TEXEIRA 2015, p.54

As alunas têm grande alegria em pertencer a esta escola, pois, o que recebem favorece o elevar da autoestima. São coisas que a família não tem condições ou até percepção para enxergar a necessidade das crianças e quando percebem seus recursos são insuficientes. Por essa razão, ao chegar a Instituição sentem-se encantadas pela acolhida recebida, atenção, o ganhar uma lembrança, a liberdade para brincar e as muitas atividades desenvolvidas principalmente a dança, teatro e artes diversas. Através da arte elas

despertam para os afazeres criativos, expressam sonhos, pensamentos, medos, ânsias, desafios consigo mesmas, com o outro e com as próprias capacidades. É um momento que favorece intuições, criatividade e experimentação; partindo-se do princípio de que na arte se refletem a cultura, as tradições e atributos como emoção e sentimentos

Vamos aos relatos descritos neste texto por alunas e ex alunas e que são verídicos, quem vos escreveu se armou de coragem, alegria, orgulho e gratidão. As vidas de quem aceitou este desafio não serão reveladas. Em respeito a todas elas, usaremos dois símbolos alfabéticos fictícios.

### **A.K**

Minha maior tristeza foi quando meu pai foi preso e ele teve que se afastar de mim para sempre; eu fiquei muito triste quando ele apareceu na televisão, chorei muito e muita gente rio de mim. Por tudo isso, fiquei feliz quando vim estudar na Casa Mamãe Margarida, fiquei mais alegres e minhas amigas me ajudam.

A exemplo da vida de **A.K** são muitas outras que estão no mesmo drama, quando se não o pai já até morreu em conflito com o tráfico. Elas sentem vergonha quando as mães vão deixa-las na escola usando a tornozeleira, algumas alunas sempre relatam as colegas por própria influenciam dos responsáveis, fatos que caracterizam uma injustiça cometida com a mãe. Demonstrando-o ser ela injustiçada ou pagando por algum crime que não cometeu. Algumas delas têm consciência dos acontecimentos e acabam contando para os professores ou técnicos sobre a verdadeira situação familiar.

As crianças expressam muito rápido o que sentem ou por aspecto físico ou mesmo relatando para alguém. São vidas que desde cedo já são marcadas pelo sofrimento, maus-tratos e discriminação a começar dentro da própria família, já na sua concepção, como por exemplo, não querer acolher esse nascimento. Muitas relatam que a mãe não queria que elas nascessem, talvez por serem mães bem jovens e sem condições financeiras; sem estudo, trabalho e até mesmo moradia própria.

**A.B**

*Então esta é minha história, é sobre a minha vida sofrida que eu ando vivendo no meu aniversário. Meu tio morreu e desde aí minha vida mudou, ele cuidava de mim, minha mãe me trata muito mal e na minha casa vive tendo briga, isso me faz ficar sempre triste. Gosto quando chego na escola, fico mais alegre.*

**A.C**

*Gosto que na minha escola tem fórum e este ano é sobre a diversidade, gostaria de expressar algo de minha vida; me chamam de puta, de gorda, de capiroto, de baleia assassina, me chamam de muita coisa eu fico muito triste. Minha professora não aceita isso e me ajuda. (A criança fez um desenho ao lado da professora e com seu rosto derramando muitas lágrimas)*

A escola tem uma missão com um vasto desafio pois as alunas reproduzem neste espaço o que estão acostumadas a receber em casa ou a viver pelas ruas o que não é muito bom ou educativo. Os palavrões pelos quais elas são chamadas muitas vezes com as mesmas palavras agride as colegas, pequenos maus comportamentos como por exemplo pegar objetos que não lhe pertencem. É sempre um risco alguma colega aparecer com algo novo e bonito, pois, despertao querer de algumas que, infelizmente, não podem ter. E para elas parece ser comum contar vantagem mediante algumas coisas, mesmo que sejam fantasias, criação da imaginação.

Algumas vezes presenciamos elas brincando de casinhas e como reproduziam os palavrões e desordens de dentro de casa, durante a brincadeira a representação da filha era sempre apanhando e algumas vezes também até a mãe; ela imitava apanhando do companheiro que geralmente estava bêbedo. Essas apresentações são simulações de fatos, verdadeiramente, visto por elas na vida cotidiana. E se pararmos para escuta-las veremos o quanto elas presenciam os fatos de violências psíquica e física e ao mesmo tempo transferem tais comportamentos embora sofridos para seus espaços de descontração. Os pais ou responsáveis não são capazes de perceber o quanto eles interferem positivo ou negativamente na vida dos filhos.

Percebe-se através das falas, brincadeiras e comportamento diversos das alunas que mesmo diante de situações e realidades de risco, em especial no que envolve à atmosfera familiar em relação à convivência, perdas ou afastamento de pessoas significativas, ausência de diálogo, brigas em casa, alcoolismo, problemas econômicos, doenças psíquicas, por meio do acompanhamento e do tempo necessário que precisam elas conseguem fazer de suas vidas uma releitura da própria história, acenando caminhos para a resiliência. A presença de algum adulto significativo as ajudam a organizar, no tempo e nos acontecimentos as cenas da própria história.

A escola busca proporcionar momentos formativos e de convivência com as famílias, na tentativa de criar ou fortalecer os vínculos de afeto, mas é difícil a participação de todos. Sempre tem um grupo significativo dos mais responsáveis. Os pais que são mais solicitados a comparecer na escola dificilmente vão, mas a escola procura estratégias para que estes sejam alcançados, pois, sem eles fica limitado um melhor acompanhamento da aluna no seu desenvolvimento.

Mas, os professores se veem extremamente responsáveis para que a criança ou a adolescente se sinta bem e corresponda as necessidades que requerem a aprendizagem. As professoras buscam ver às potencialidades das educandas, vão criando dinâmica de reinvenção e reencantamento das vidas, resistindo à compreensão da pessoa em modelos pautados pela ideia de déficit quando impede de ver com otimismo.

#### **A.D**

*Hoje é um dia especial para o meu professor. Hoje eu vou fazer uma homenagem para a tia Rai Almeida. Eu aprendi com ela muitas coisas e tudo que ela ensina gosto de aprender. Nos conhecemos em janeiro, estou no 3º ano, estou estudando e agora eu vou passar, porque ela me ajuda muito. Tia Rai feliz dia dos professores. A tia Rai é minha amiga e a gente vive muito unida. (A criança desenhou um coração e dentro dele desenhou ainda duas pessoas simbolizando ela e a professora de mãos dadas).*

**A.C**

*O meu sonho é estudar na casa mamãe margarida para ser muito feliz (a criança desenhou uma casa e colocou o nome da escola)*

Na escola as crianças e adolescentes sentem seguras e se sentem bem. Mesmo diante dos enfrentamentos como a violência elas acreditam que a escola pode ser o instrumento da realização dos seus sonhos e que para isso devem estudar muito. Reconhecem de modo especial as adolescentes que tem muita dificuldade nos fundamentos básicos da aprendizagem. Mas valorizam a boa ajuda da instituição educativa e dizem gostar dos educadores e também confiam neles, sabem que podem contar com a ajuda deles quando for necessário. Este apoio constatado pelas adolescentes desencadeia processos de equilíbrio entre os fatores de risco e de proteção, pois o sentir-se bem, segura e apoiada na instituição educativa se mostra importante para o fortalecimento da resiliência e superação de muitos limites que bloqueiam a despertar intelectual.

Conhecendo a realidade da menina os professores procuram motivá-la de alguma maneira, ajudando-a a elevar sua autoestima através de pequenos gestos de cuidado e respeito para com elas de forma particular. Através da escuta e também da ida as famílias percebe-se a real necessidade das crianças e então buscam ajudá-las no que é possível o que é muito importante para menina/aluna.

**A.D**

*No ano passado eu ganhei um colchão e uma cadeira da professora porque eu aprendi a ler, e ler é muito legal porque nós aprendemos, mas algumas colegas não conseguem, eu gosto da professora por que ela me ensinou que a vida não é só brincadeira.*

**A.B**

*“Estou há cinco anos na Escola – Casa Mamãe Margarida o que muito me motiva a ser feliz, a ter uma aprendizagem, a acolher as pessoas que estão precisando de um abraço e poder dar. Desde pequena o meu sonho*

*era dançar e vejo que eu estou realizando isso, graças à Casa Mamãe Margarida! Cada menina que vem para esta casa, entra nela, tem um sonho e a possibilidade de realizá-lo”.*

#### **C.D**

*A Casa Mamãe Margarida me ajudou e ajuda em todos os aspectos: tanto no aprendizado, quanto a distinguir entre o certo e o errado, a me socializar com às pessoas que estão à minha volta (inclusive, com minha família). A Casa Mamãe Margarida é a minha família e hoje minha vida também; sim, minha vida, pois, estou aqui graças à Casa Mamãe Margarida que não desistiu de mim, que me apoiou e me abraçou. Entrei na Casa Mamãe Margarida com 10 anos, sabemos que o limite é até os 18 anos, eu saí SIM da Casa Mamãe Margarida, mais ela não saiu de mim! Eu fico maravilhada com o amor e carinho envolvidos nesse Projeto e mais que nunca, sou grata. Completei no dia 24 de outubro 21 anos, isso só pôde acontecer graças a Casa Mamãe Margarida que entrou novamente em ação e me resgatou da morte. A (ir. Liliana e equipe, meu Obrigada de coração!) É grande demais a importância dessa instituição para mim, vai muito além do que posso expressar, porque hoje ela além de ser minha família é minha vida”.*

Como podemos perceber a missão desta Instituição esta entrelaçada por um dinamismo profundo que não dar espaço ao comodismo pois a cada instante é necessário ideias e ações para que a educação oferecida venha dar um novo sentido a vida das alunas, teoria e prática lado a lado com a criatividade e a vontade de transformação nascida no coração dos membros dessa escola, como podemos acompanhar no depoimento das destinatárias.

#### **E.F**

*“A Casa Mamãe Margarida me ajudou no período bem difícil da minha vida; na realidade ela se tornou um apoio não apenas para mim, mas principalmente, para minha família. A grande importância dela é estar aberta hoje e que crianças e adolescentes podem procurar não apenas ajuda, mais pessoas dispostas a contribuir para um futuro melhor das meninas. Conheço*

*peessoas dentro da Casa Mamãe Margarida (CMM) que dão a vida por essas meninas e lutam com toda força por cada situação, por cada história e as principais responsáveis são as Irmãs Salesianas. E como pessoa admiro muito Irmã Liliã aria Daou Lindoso, que não apenas acolhe as meninas, mas começa a cuidar como se fossem suas filhas e com seu exemplo, todas as pessoas da casa passam a contribuir muito pela vida das meninas. Agradeço por cada ajuda e por continuarem lutando por tantas histórias de vida, como lutaram pela minha”.*

### **G.H**

*“Ajudaram-me a ser uma pessoa melhor e também me ajudam a esquecer os problemas da minha casa”.*

### **L.H**

*“A Casa Mamãe Margarida é muito importante para mim, porque me ajudou e continua me ajudando muito mesmo. Entrei na Margarida com 7 anos, hoje tenho 11 anos e nunca me arrependi de ter entrando na Margarida, nunca quero sair dessa casa, ela me ajudou bastante! Eu não tinha muita educação, mas hoje eu tenho porque aprendi na casa. Sei respeitar as pessoas e todos os professores e educadores. A Casa Mamãe Margarida ensina muitas coisas para a gente”.*

### **V.S**

*“Bom, logo quando entrei na casa não gostava, pois, via este lugar com outros olhos: achava que lá só tinha machuda porque só estudavam mulheres e aconteciam coisas que não prestavam. Com o passar do tempo fui entrando em contato com todos e participando dos Projetos da casa, então comecei a enxergar com outros olhos. A casa se tornou para mim importante, me ajudava a manter a mente ocupada com as atividades que ela oferecia. Não tinha tempo para pensar em leseira, besteiras, pois, acabava me dedicando as atividades. A casa me ajudou de uma forma ao qual não sei explicar. Conheci a fé católica e até hoje isso me faz lembrar certas datas importantes que me fazem bem. Acabei me acostumando com as normas da casa, me adaptei a rotina, além disso, muitos funcionários que ali trabalham,*

*ali me ajudaram com bons conselhos, isso fez com que eu me tornasse a pessoa que sou hoje, com juízo”.*

#### **R.D**

*“A Casa Mamãe Margarida me ajudou muito, porque se não fosse ela, eu não sei o que seria de mim! Tive a sorte de passar quase toda a minha infância estudando na Casa Mamãe Margarida. A casa me capacitou para vida. Hoje posso dizer que sou uma bailarina, uma atriz! Mas, se não fosse a casa não teria certificado de atriz e nem de informática, por ser tudo muito caro. E a casa realizou meu sonho que foi celebrar meus 15 anos. Meus pais não tinham condições. Sou muito agradecida a Casa mamãe Margarida”.*

#### **F.G**

*“A Casa Mamãe Margarida foi muito importante para mim, porque aprendi muitas coisas boas, passei 9 anos na casa, e nesses nove anos aprendi a ser uma pessoa melhor, mais educada. Só tenho a agradecer por tudo que fizeram por mim”.*

Após a narração de vários fatos da vida, acreditamos que é possível resgatar o direito de ser criança e adolescente pondo neles a esperança, oferecendo certezas de vida plena a partir da educação e valores que preenchem o vazio sentido por muitos; indicando-lhes que conviver com possibilidades, descobertas e experimentações pode diminuir as vulnerabilidades se estas são abraçadas por eles; garantindo-lhes um percurso saudável, estimulante e protegido pelos direitos assegurados na Convenção sobre os Direitos da Criança e, no Brasil, no Estatuto da Criança e do Adolescente e demonstrando como pessoas adultas através do testemunho, que eles têm em quem confiar, que existem pessoas e instituições dispostas a estender lhes as mãos e caminhar lado a lado neste mundo; sem preconceitos mas, com acolhida, respeito, promoção, cuidado e proteção da vida independente da condição, raça, sexo ou credo desde que sejam crianças e adolescentes deixados à margem ou invisíveis perante a sociedade e seu desenvolvimento econômico/capitalista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento científico quando adquirido através das vivências teóricas e práticas ninguém pode roubá-lo, transforma-se em um tesouro, cuja riqueza não se esgota, pelo contrário, aumenta sempre mais através dos investimentos que se fazem necessários e, por isso mesmo, tornam-se determinantes para nós. O conhecimento científico é a informação e o saber que parte do princípio das análises dos fatos reais e cientificamente comprovados.

Grande foi a experiência e o aprendizado conquistados nesse tempo de estudo! Foram muitas convivências compartilhadas, conhecimento adquirido de múltiplas formas, pessoas que nos ajudaram a ter um olhar crítico sobre a vida e os acontecimentos, sobretudo, no contexto educacional, muitas leituras, observações, acompanhamentos e realizações de atividades que hora estávamos envolvidos diretamente, e em outros momentos de forma indireta.

Em se tratando da construção da presente Monografia fica o desafio para continuar avançando sempre mais nas pesquisas. Esta foi uma construção com foco no conhecimento, observações e participação dentro de algumas Instituições de Ensino, mas em tempo limitado, por isso, não temos como parar. É necessário a continuidade, uma busca mais comprometida com a causa de identificação desse estudo.

A sociedade hoje clama por relações mais humanizadoras e solidárias, de convivência fraterna, entretanto, esta conquista é iniciada, e se começa através da educação para o amor e o afeto nas famílias e nos espaços sócios/comunitários, principalmente, a Escola onde se aprende ou continua a aprender a convivência como continuidade do berço familiar, logo a partir dos primeiros anos de vida para os que têm a oportunidade de nascerem.

A Escola Casa Mamãe Margarida que nos permitiu estar em seu ambiente educativo para essa pesquisa, nos proporcionou bem mais que a

teorização de uma prática, nos mostrou um Projeto de Vida, de Cidadania e Dignidade.

Para os funcionários que trabalham neste espaço onde se acontece conquistas porque há um envolvimento coletivo pelo resgate de muitas vidas é de extrema significatividade perceberem as respostas de sua dedicação e desgaste do próprio tempo através do sentimento de gratidão que transmitem as alunas, reconhecendo assim eles sua contribuição para que vida se desenvolvessem de forma mais saudável, o que é um ganho também para a sociedade pois tem em si diminuída a existência da marginalidade e exclusão de crianças e adolescentes. Uma atuação que parece ser quase invisível, mas imaginemos várias outras escolas realizando missões parecidas. Isso pode trazer uma grande diferença para o mundo.

Percebemos que além da relação entre profissionais dentro da Instituição se criam verdadeiros laços de amizade devido a vivencia em torno das situações das meninas. Entre eles acontecem as partilhas das histórias de vida, escuta, criação de alternativas para melhoras no acompanhamento das alunas, juntos eles se alegram, se entristecem e até choram quando há perdas de vidas e por essa razão buscam estarem unidos pois descobrem que desta maneira são mais fortes, as ações são transparentes e o dinamismo e a criatividade surgem e a educação é vivenciada com esperança.

A escola a partir de sua atuação com uma Gestão Participativa, tendo em vista o desenvolvimento integral do aluno em situação de vulnerabilidade social, tenta construir algumas formas de pensamento atribuindo conceitos já elaborados e bem aplicados de diversos autores da área da educação, e também dos profissionais que vivem no dia a dia dessa grande missão.

Observamos que para os profissionais da Instituição nada é simples de se realizar embora viviam com simplicidade; a busca da Comunidade Educativa por alternativas que deem respostas as necessidades das alunas das atendidas é um esforço que vai além da capacidade humana psíquica, atingindo, inclusive, a esfera espiritual. Por essa razão os profissionais vivem em constante formação porque para trabalhar com essa realidade é

necessário um equilíbrio psíquico, intelectual, físico e espiritual para que possam conseguir obter um bom êxito no acompanhamento das alunas. Eles tornam-se referências na arte do acompanhamento do processo de reconstrução da vida em todas as suas dimensões. O que só é possível, porque alimentam esperanças e sonhos em vidas que já trazem em si marcas da dor e do abandono, da discriminação e do descaso social.

Nessa Instituição apesar dos limites observados foi bem nítido vermos a valorização do quadro dos docentes e também de colaboradores e benfeitores que ajudam na manutenção, sustentação da Instituição, e nas ações educativas. Entretanto, para uma verdadeira gestão participativa ainda é preciso o grande comprometimento da comunidade local, das famílias e das próprias destinatárias dentro do processo participativo.

Ainda que as alunas sejam protagonistas e realizem um bonito trabalho a partir de seus esforços em vista de um crescimento saudável, mesmo assim se faz necessário a atuação ativa e responsável de toda a comunidade educativa, no sentido do discernimento das propostas e escolhas de Projetos a serem realizados dentro da escola.

São tantas as lutas realizadas na busca de uma sociedade verdadeiramente democrática e participativa e, igualmente, tantas conquistas alcançadas, mas, ainda temos a predominância de uma democracia representativa em nossa sociedade; representação que não são das pessoas marginalizadas e excluídas que lutam por uma educação com qualidade, pela dignidade das famílias pobres e direitos justos e igualitários para todos os cidadãos, mas, do próprio Sistema Capitalista. Por essa razão e outras, as crianças e adolescentes desde cedo precisam ser educadas e estimuladas ao senso crítico e intelectual, para se tornarem protagonistas de uma nova sociedade amanhã, porque elas começaram a lutar hoje.

Se as escolas públicas atendem na maioria das vezes, crianças e adolescentes das classes pobres e vulneráveis, elas precisam acreditar no seu papel transformador, apostar na formação crítica e participativa de seus profissionais e alunos para que sejam verdadeiros agentes de transformação social. Essas escolas necessitam deixar de ter uma visão intimista e

individualista e acreditar que a verdadeira educação, que a Pátria educadora que tanto almejamos, só acontecerá com o envolvimento dos que desejam uma vida em abundância para todos e não só para uma minoria.

A Instituição Casa Mamãe Margarida busca ser uma pouco dessa representação para sociedade, alimentando a esperança de que é possível acontecer um trabalho coletivamente, construído com a participação de todos, embora sabendo que sempre haverá quem pense diferentemente. Mas quando se pensa no objetivo a ser alcançado vale a pena ultrapassar o egocentrismo, unir forças e obter resultados, afinal quem ganhará é a sociedade com seus cidadãos honestos e construtores do bem, sempre apontando para uma sociedade mais justa e igualitária com seu povo.

Ainda hoje é crescente o número de crianças e adolescentes que necessitam de uma afetiva e efetiva ajuda pessoal e social para a superação dos obstáculos ao seu pleno desenvolvimento. Considerando essa realidade que persiste em nossa sociedade sintá-se, então, convidado a unir forças nesta grande missão/profissão que é ensinar valores, a partir do testemunho de vida, para meninos/as pobres em situação de vulnerabilidade que estão à margem da sociedade clamando por mim, por você, por todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Mari Nilza Ferrari de; SUGUIHIRO, Vera Lucia. **Abuso sexual e vulnerabilidade de crianças e adolescentes: da cumplicidade do contexto familiar para o descompromisso social**. São Luís – MA, 2005 p. 3

BENTES, Norma. **Manaus: Realidade e contraste sociais** 2ª Ed, revista e ampliada. Editora Valer e fapeam, 2014

BRAIDO, Pietro. **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco**. Pietro Braido. (Tradução Jacy Cogo), São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei N. 9.394/96. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm), acessado em 23/11/2016

BRASIL. **Estatuto da Criança e Adolescentes**. Lei 8069/90. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm), acessado em 23/11/2016

BRASÍLIA. **Socioeducação: Estrutura e Funcionamento da Comunidade Educativa**. Coordenação técnica Antônio Carlos Gomes da Costa. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, **Infância, Juventude e Política Social no Brasil**. In: RIVERA, Deodato; COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Brasil Criança Urgente: a lei*. 2ª ed. São Paulo: Columbus, 1996. (Coleção Pedagogia Social; v. 3), p. 69-105

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Por uma pedagogia da presença**. Disponível em <https://docplayer.com.br/428263-Por-uma-pedagogia-da-presenca.html>. P.12

COSTA, Bruno Lazarotti Diniz Costa; CARNEIRO, Carla Bronzo Ladeira. **Implicações do enfoque da exclusão social sobre as políticas públicas: desafios para o desempenho governamental**. Belo Horizonte: Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, 2004. p. 08

CARLOS, Viviani Yoshinaga; ALAPANIAN, Silvia, **os fundamentos que sustentaram o surgimento das escolas de reforma no Brasil**. 2013, p. 5. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/16104/13446>

CUNHA, Luis Antonio. **A Educação brasileira na primeira onda laica: do**

**Império à República.** Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista: noções de política social participativa.** 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001

FONSECA, Franciele Facundes. et al, **As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção.** Artigo de revisão. 2013 p. 258

GUARESCHI, Neuza M. F. et al, **Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estilo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo.** Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, ano 7, N.1, 1º semestre de 2007, p.21

JULIATTO, Clemente Ivo. **Parceiros educadores: estudantes, professores, colaboradores e dirigentes.** Curitiba: Editora Universitária Champagnat 2007

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática/5.ed.** revista e ampliada – Goiânia: MF livros, 2008. P. 141-142

MARCILIO, Maria Luiza. **A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil.** 1726 – 1950. Disponível em:  
<https://www.google.com.br/search?q=A+roda+dos+expostos+e+a+criança+abandonada+no+Brasil.+1726+--+1950>

MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarac. **Vozes infantis indígenas: As culturas escolares de (des) encontros com as culturas das crianças Sataré-Mawé.** Manaus: Editora Valer, Fapeam, 2001.

NANNI, Carlo. **O sistema preventivo de Dom Bosco, hoje.** Brasília: Rede Salesiana de Escolas, 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e cidadania: O papel da escola na formação para a democracia/trad.** Fátima Murad – Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 10

Projeto Político Pedagógico e Regimento Institucional da Casa Mamãe Margarida

Rede Salesiana Brasil de Escola. **Diretrizes pedagógico-evangelizadoras da Rede Salesiana Brasil de Escolas.** Brasília: Edebê Brasil, 2018

RIBAS, Rafael Perez; GOLGHER. André Braz. **Vulnerabilidade à pobreza no Brasil: medindo risco e condicionalidade a partir da função de consumo das famílias.** 2007. Disponível em  
[https://www.researchgate.net/publication/253314140\\_Vulnerabilidade\\_a\\_pobreza\\_noBrasil\\_medindo\\_risco\\_e\\_condicionalidade\\_a\\_partir\\_da\\_funcao\\_de\\_consumo\\_das\\_familias](https://www.researchgate.net/publication/253314140_Vulnerabilidade_a_pobreza_noBrasil_medindo_risco_e_condicionalidade_a_partir_da_funcao_de_consumo_das_familias)

SANTOS, Kátia Cristina de Sousa. **A práxis pedagógica com crianças e**

**adolescentes em situação pessoal e social de risco**; Manaus: UFAM, 2008.

TEXEIRA, Emarianne Campanha. **Resiliência e vulnerabilidade social: uma perspectiva para a educação sociocomunitária da adolescência**. 2015. 126f.

Dissertação (Mestrado em educação) - Centro Universitário Salesiano - UNISAL / SP. 2015

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, 1956. **Planejamento: Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político – pedagógico – elementos metodológicos para elaboração**, 5ª Ed. São Paulo: Libertad, 1999. – (Cadernos pedagógicos do libertad; v.1)